

PERFIL DO JORNALISTA DO SUDESTE 2023



Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
REDE DE ESTUDOS TRABALHO E IDENTIDADE DOS JORNALISTAS (RETIJ/SBPJOR)

Perfil do Jornalista do sudeste 2023

Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1.

Coordenação

Prof. Dr. Jacques Mick – PPGSP e PPGJOR (UFSC)

Profa. Dra. Janara Nicoletti – objETHOS/PPGJOR (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima – PPGJOR (UFSC - Coord. Geral)

Comitê de Pesquisa RETIJ/SBPJor:

Edgard Patrício (PráxisJor/UFC Nordeste), Guto Moliani (CPCT/ECA-USP Sul), Marluce Zacariotti (UFT Norte), Fabio Pereira (FAC/UnB Centro-Oeste), Rafael Paes Henriques (UFES Sudeste) e Janaina Visibeli (CPCT/ECA-USP Sudeste).

Equipe de Pesquisa: Abinoan Santiago (PPGSP/UFSC), Carlos Marciano (objETHOS/UFSC), Clarissa Peixoto (objETHOS/UFSC), João Paulo Mallmann (PPGJOR/UFSC), Kalianny Bezerra (PPGJOR/UFSC), Kevin Willian Kossar Furtado (PPGSP/UFSC), Mariane Nava (PPGJOR/UFSC), Vinicius Bressan (PPGJOR/UFSC).

Bolsista de Apoio Técnico: Luisa Meurer Tavares (CNPq/UFSC).

Edição e produção gráfica

Quorum Comunicação

Capa

Rosana Pozzobon

Perfil do Jornalista do sudeste 2023

Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho

Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral)

Janaina Visibeli Barros (Coord. Regional)

Ana Flávia Marques da Silva

Cláudia Nonato

Fernando Pachi Filho

Gilson Soares Raslan Filho

João Augusto Moliani

Naiana Rodrigues da Silva

Rafael Rodrigues da Costa

Roseli Figaro



P438 Perfil do jornalista do sudeste 2023 [recurso eletrônico] : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral); Janaina Visibeli Barros (Coord. Regional); Ana Flávia Marques da Silva... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

ISBN: 978-85-63190-24-6 (e-book)

1. Jornalismo – Brasil, Sudeste – Pesquisa. 2. Jornalistas – Brasil, Sudeste – Aspectos sociodemográficos. 3. Jornalistas – Brasil, Sudeste – Aspectos políticos. 4. Jornalistas – Brasil, Sudeste – Indicadores de saúde. 5. Mercado de trabalho – Brasil, Sudeste – Indicadores. I. Lima, Samuel Pantoja.

CDU: 07.01-057

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071



SUMÁRIO

SUMÁRIO	4
Introdução	6
2. Características sociodemográficas de jornalistas da Região Sudeste	9
3. O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência	28
3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia.....	28
3.2. O trabalho dos jornalistas fora da mídia	37
3.3. O trabalho dos jornalistas em docência	46
4. Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança	51
4.1. Indicadores de Saúde laboral e insegurança no trabalho	58
5. Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião	64
5.1 Crença e religião	81
6. Características políticas e de engajamento do e da jornalista da região sudeste .	83
7. Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos	92
7.1. Código de Ética e valores.....	123
Considerações Finais.....	135
Referências	138

Introdução

A Região Sudeste é composta pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. É a Região que concentra o maior dinamismo econômico do País, embora haja disparidades entre cada um dos estados. A lógica da colonização e do processo tardio de industrialização marcam essas diferenças entre as regiões e os estados, que apresentam especificidades entre o rural e o urbano, bem como características de centro e periferia.

O fluxo do dinheiro no capitalismo está relacionado ao movimento da produção e do comércio, inseridos o elemento que permite a relação entre produção e circulação, ou seja, a informação. Desde o século XIX, no Brasil, a circulação de informação foi se estabelecendo como Jornalismo. A informação e a comunicação são fatores estruturantes da organização econômica das sociedades.

A indústria jornalística no Brasil constitui-se como empresa privada, de interesse público, embora o Estado tenha sido credor do negócio jornalístico ao longo de dois séculos. A publicidade é um pilar do jornalismo, irmã gêmea constantemente relegada ao apagamento discursivo para exaltar a independência do produto notícia. Nesse diapasão, a empresa jornalística e o jornalismo se organizam nos centros econômicos do País e a Região Sudeste, como tal, concentra a maioria das empresas e profissionais da área.

São esses elementos que comparecem para explicar a existência do maior número de instituições de ensino superior no Sudeste e nas respectivas capitais dos estados. Isso também é elemento que deve ser considerado na discrepância da presença de empresas jornalísticas de grande, médio e pequeno portes nas diferentes Regiões, na dicotomia urbano/ rural e centro/ periferia.

Assim, a pesquisa O Perfil do Jornalista 2021, dados relativos à Região Sudeste, nos permite identificar e sustentar a pertinência do recorte empírico para a composição da amostra formada por jornalistas que estão na mídia (compreendendo grandes, médios, pequenos veículos; nacionais, regionais, locais; com profissionais que se identificam como em-



pregados, estagiários, prestadores de serviços como autônomos, freelancers, pessoa jurídica, voluntários; jornalistas que podem se identificar como produtores de jornalismo independente, alternativo e ou comunitário). A amostra também abrange profissionais que atuam fora da mídia e aqueles que atuam como docentes de jornalismo no ensino superior brasileiro.

Os dados sobre o número de profissionais com registro no Ministério do Trabalho são incertos, como mostram Lima, Nick e Nicoletti (2022) no relatório nacional desta pesquisa. Mesmo assim, toma-se a base de 142.424 mil registros de jornalistas no Brasil para fazer o desenho amostral desta pesquisa, adotando-se “como parâmetro o total de registros profissionais de jornalistas emitidos pelo CIRP entre 2000 e 2019.” (Lima, Nick e Nicoletti, 2022, p. 16). A coleta ficou aberta de 16 de agosto a 1º de outubro de 2021 e oportunizou um banco de 6.649 respostas. O processo de verificação desses primeiros dados identificou respostas incompletas, incoerentes ou de má fé e fez a exclusão delas, resultando em 4.997 respostas válidas de todo o Brasil e 56 de profissionais que atuam no exterior. Na Região Sudeste, o quadro amostral é composto por 516 respondentes, distribuídos pelos estados conforme aponta a Tabela 1. Essa amostra tem margem de erro de 4,3%, a partir dos números de registro profissionais da Região – 86.184, com 1.787 respostas válidas – resultando na proporcionalidade de 516 respondentes para compor a amostra em análise.

Tabela 1 - Respostas válidas na Região Sudeste e plano amostral da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021)

UF	Respostas	Amostra	% de Registros/Brasil
ES	161	19	3,70
MG	422	96	18,54
RJ	347	93	18,04

SP	857	308	59,72
Total	1.787	516	60,51

Fonte: Base de dados da Pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021.

Aspectos sobre a metodologia da pesquisa foram discutidos no relatório nacional Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. As ressalvas em relação aos procedimentos adotados estão também explicitadas no mesmo relatório e naquele da pesquisa Perfil do jornalista brasileiro 2012.

Como região de maior concentração do mercado jornalístico e, consoante, de cursos e de profissionais da área, os problemas desse mundo do trabalho adquirem como também maior expressão e características próprias. Algumas delas dizem respeito à dinâmica das mudanças dos processos produtivos com o digital e a plataformização do trabalho, por exemplo. Outras são relativas às faixas salariais, à progressão na carreira e à precarização das condições de trabalho de jornalistas. Aspectos que são discutidos ao longo da análise dos dados.



2. Características sociodemográficas de jornalistas da Região Sudeste

Tabela 2 - Em que estado você vive atualmente?

Estado	Frequência	Porcentagem válida
Espírito Santo	19	3,7
Minas Gerais	96	18,6
Rio de Janeiro	93	18,0
São Paulo	308	59,7
Total	516	100,0

Os respondentes vivem e atuam na região que concentra o maior mercado de jornalismo no país (Tabela 2). A dinâmica profissional pode ser verificada a partir das expressivas diferenças entre os estados da Região Sudeste, sendo o Espírito Santo o estado cujo dinamismo da área é menor. Embora apresentem grandes diferenças territoriais, Rio de Janeiro e Minas Gerais igualam-se na quantidade de respostas.

Tabela 3 - Com qual gênero você se identifica?

Gênero	Frequência	Porcentagem válida
Outro (s). Qual (is)?	2	0,4
Feminino	310	60,1
Masculino	204	39,5
Total	516	100,0

Comprova-se no Sudeste aspecto nacional com relação a identidade de gênero. A categoria é composta por um número maior de mulheres, embora, como veremos adiante, isso não ocorra em relação aos maiores salários e postos na carreira (Tabela 3).

Tabela 4 – Outro (s). Qual (is)?

Outra identificação	Frequência
	514
Não Binário	1
Trans não binário	1
Total	516

Interessante verificar como os números sobre a diversidade de gênero não se manifestam (Tabela 4). Apenas duas pessoas se identificaram de forma diferente das opções feminino e masculino. Esse dado nos faz estranhar e inferir hipóteses que remetem para além dos dados numéricos e nos levam a pensar na dificuldade de as pessoas assumirem sua identidade de gênero. Tal fato dificulta o acesso a dados e pesquisas relacionadas ao número de pessoas autodeclaradas LGBTQIA+ nas empresas de comunicação brasileiras.

Tabela 5 - Você pertence a qual faixa etária?

Faixa etária	Frequência	Porcentagem válida
Entre 18 anos e 22 anos	23	4,5
Entre 23 anos e 30 anos	133	25,8
Entre 31 anos e 40 anos	159	30,8
Entre 41 anos e 50 anos	92	17,8
Entre 51 anos e 64 anos	90	17,4



Acima de 64 anos	19	3,7
Total	516	100,0

A faixa etária dos jornalistas da Região Sudeste (Tabela 5) acompanha de maneira similar os dados nacionais, com indicador para mais jornalistas nas faixas etárias entre 23 a 30 anos e de 31 a 40 anos, somando 56,6% dos profissionais. Fato que, somados aos 4,5% de respondentes na faixa de 18 a 22 anos, totalizam 61,1% dos jornalistas da região. Há, portanto, uma leve diferença entre os dados nacionais no que diz respeito ao envelhecimento da categoria. Mesmo assim, vale destacar o percentual de 21,1% de profissionais acima de 51 anos, faixa que apresenta um crescimento em relação às pesquisas de anos anteriores (FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013; MICK, LIMA, 2013).

Tabela 6 - Como você define a sua cor/raça?

Definição	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	3	0,6
Branca	376	72,9
Preta	40	7,8
Parda	90	17,4
Amarela	6	1,2
Indígena	1	0,2
Total	516	100,0



Tabela 7 - Outra. Qual?

Outra	Frequência
	513
Misturada	1
Negra	1
sem identificação racial	1
Total	516

Em relação aos dados sobre identidade de cor/raça (Tabelas 6 e 7), a Região Sudeste apresenta-se ainda mais segregacionista no mundo do trabalho do jornalismo em relação aos dados nacionais. São 72,9% de respondentes que se declaram brancos, apenas 17,4% pardos e 7,8% pretos. Ou seja, 25,2% dos jornalistas se declararam negros. Nos meios de comunicação revelam-se de modo candente as desigualdades de cor/raça, pois além do acesso ao curso superior, a profissão coloca o profissional em ampla exposição ao público, o que pode ser elemento de seleção e restrição aos profissionais negros (pretos + pardos) em relação ao valor da imagem da marca da empresa de comunicação.

Tabela 8 - Qual o seu estado civil?

Estado Civil	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	1	0,2
Solteira (o)	270	52,3
Casada (o)	138	26,7
União estável	62	12,0
Separada (o)	13	2,5
Divorciada (o)	29	5,6



Viúva (o)	3	0,6
Total	516	100,0

Tabela 9 - Outro. Qual?

Outro	Frequência
	515
Juntado	1
Total	516

No que diz respeito ao estado civil (Tabela 8 e 9), a maioria absoluta se declara solteira. Número um pouco superior aos dados nacionais que registram 49,4% de solteiros. O elemento estado civil conjuga sentido para nossa análise com os dados de faixa etária, gênero e faixa salarial, pois compõem o que identifica o profissional no quesito condições e qualidade de vida. Poderíamos agregar a esses fatores também a jornada de trabalho, pois constituir família demanda cuidados que, muitas vezes, a mulher profissional não pode escolher.

Tabela 10 - Você tem filhos?

Tem filhos	Frequência	Porcentagem válida
Não	339	65,7
Tenho 1 filha (o)	87	16,9
Tenho 2 filhas (os)	73	14,1
Tenho 3 filhas (os)	11	2,1

Tenho mais de 2 filhas (os)	6	1,2
Total	516	100,0

Desse modo, explica-se o dado de que 65,7% dos profissionais não têm filhos (Tabela 10). Mesmo aqueles que os têm, ficam entre 1 e 2 filhos, somando 31% dos respondentes.

Tabela 11 - Você possui registro profissional de jornalista?

Sim/Não	Frequência	Porcentagem válida
Sim	409	79,3
Não	107	20,7
Total	516	100,0

A maioria absoluta dos profissionais possuem registro profissional (Tabela 11), embora 20,7% afirmem não possuir. Este aspecto é preocupante em um cenário em que a não obrigatoriedade do diploma ainda permanece e a plataforma do trabalho jornalístico vá pressionando para lógicas de atividades que mais se caracterizam como produção de conteúdo.

Tabela 12 – Qual o nível de escolaridade mais alto que você possui?

Escolaridade	Frequência	Porcentagem válida
Ensino Médio	3	0,6
Ensino Técnico	3	0,6
Ensino Superior cursando	28	5,4
Ensino Superior completo	219	42,4
Ensino Superior Tecnológico cursando	1	0,2



Ensino Superior Tecnológico completo	2	0,4
Especialização	146	28,3
Mestrado	76	14,7
Doutorado	29	5,6
Pós-doutorado	9	1,7
Total	516	100,0

A profissão congrega uma força de trabalho muito bem formada: 42,8% têm curso superior completo e além do superior completo 50,3% têm especialização ou pós-graduação em níveis de mestrado, doutorado e pós-doutorado (Tabela 12). A busca pela formação mais qualificada é parte do empenho dos profissionais para seu aperfeiçoamento.

Tabela 13 - Qual é sua área de graduação

Área de Graduação	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo	482	93,4
Publicidade e Propaganda	13	2,5
Rádio e TV	14	2,7
Relações Públicas	11	2,1
Audiovisual ou Cinema	7	1,4
Outra área. Qual?	34	6,6
Total de respostas válidas	516	100,0
Total de respostas	561	

Como mostra a Tabela 13, o curso mais frequente, perfazendo 93,4% dos respondentes, é o de jornalismo ou de Comunicação Social com habilitação em jornalismo. As demais áreas da comunicação somam 8,7%, e outras áreas foram cursadas por 6,6% dos profissionais. O leque de cursos é bastante diversificado, englobando desde Ciências Sociais a História, Direito e Relações Internacionais, entre outras 4 declarações; Letras, História e Direito com 3 opções; Relações Internacionais, duas opções; e demais com uma declaração. Ou seja, embora não haja necessidade do diploma, os cursos de jornalismo continuam a ser procurados pelos interessados na área. Vale lembrar que a maioria das empresas de comunicação ainda prefere contratar profissionais formados em cursos de jornalismo.

Tabela 14 - Você cursou ou está cursando que tipo de universidade/faculdade?

Tipo de Universidade/Faculdade	Frequência	Porcentagem válida
Federal	127	24,6
Privada	353	68,4
Comunitária ou similar	2	0,4
Estadual	65	12,6
Municipal	2	0,4
Confessional	7	1,4
Outro tipo. Qual?	4	0,8
Total de respostas válidas	516	100,0

Sobre a instituição do curso de jornalismo, verificou-se que a maioria (68,4%) absoluta cursou faculdade privada; 24,6% estudaram em faculdades federais, 12,6% em instituições estaduais (Tabela 14). A expansão do ensino superior privado no Brasil é um dado que precisa ser verificado à luz das políticas públicas para beneficiar o acesso ao ensino superior de camadas populares na primeira década dos anos 2000. Nem sempre, o vetor de expansão e permissão de acesso é acompanhado pelo vetor qualidade dos cursos. Essa é uma outra



discussão.

Tabela 15 - Você foi estagiária (o) de jornalismo?

Fez estágio	Frequência	Porcentagem válida
Não	103	20,2
Sim, já fui	389	76,3
Sim, sou estagiária (o) atualmente	18	3,5
Total	510	100,0

O estágio também foi um indicador analisado sobre a formação dos jornalistas. É bom lembrar que o estágio no jornalismo foi regulamentado nos anos 2000, fruto de uma luta dos estudantes e professores no sentido da formação profissional mais qualificada. Passou a componente curricular obrigatório, implementado a partir de 2015, e constitui-se, sem dúvida, em um demarcador de acesso ao mercado de trabalho. Por isso, a relevância de 79,8% dos respondentes declararem ter feito ou estar fazendo estágio (Tabela 15).

Tabela 16 - Você fez trainee em jornalismo?

Fez Trainee	Frequência	Porcentagem válida
Não	414	81,2
Sim, já fui	93	18,2
Sim, sou trainee atualmente	3	0,6
Total	510	100,0

Programas de trainee, ofertados pelas organizações, também participam da formação profissional e foi outro indicador analisado. Mas estes programas não são de fácil acesso, nem todas as empresas disponibilizam vagas. Isso se reflete no número baixo de apenas 18,8% dos respondentes terem feito ou estarem fazendo trainee (Tabela 16).

Tabela 17 - Por quanto tempo trabalha ou trabalhou como jornalista?
(Anos completos.)

Tempo de atividade no jornalismo	Frequência	Porcentagem válida
Até 1 ano	21	4,1
De 2 a 5 anos	109	21,1
Entre 6 e 10 anos	82	15,9
De 11 a 15 anos	99	19,2
Entre 16 e 20 anos	59	11,4
De 21 a 25 anos	50	9,7
Entre 26 a 30 anos	26	5,0
31 anos ou mais	68	13,2
Sou docente na área, mas nunca atuei como jornalista	2	0,4
Total	516	100,0

O tempo de trabalho no jornalismo de 2 a 15 anos soma 56,5% dos respondentes. Esse dado corrobora com a faixa etária do profissional. Já os que estão no jornalismo há mais de 16 anos somam 39,3% dos respondentes (Tabela 17).



Tabela 18 - Ao longo da sua carreira profissional, quantos vínculos profissionais diferentes você já teve como jornalista e/ou docente (incluindo empregos com carteira assinada, freelancers ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes)?

Quantidade	Frequência	Porcentagem válida
1	43	8,3
2 a 5	261	50,6
6 a 10	129	25,0
11 a 15	46	8,9
16 a 20	13	2,5
Mais de 20	21	4,1
Nenhum	3	0,6
Total	516	100,0

É relevante apontar que 50,6% dos respondentes declararam ter mantido de 2 a 5 vínculos de emprego, enquanto 40,5% ampliaram a mobilidade e a rotatividade de vínculos de trabalho. Tal dado pode induzir a estudos sobre a qualidade desses vínculos.

Tabela 19 - Atualmente, você trabalha como jornalista ou como professor (a) de jornalismo ou comunicação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim, sou jornalista	457	88,6
Sim, sou docente de jornalismo/comunicação	39	7,6

Sou estudante e faço estágio ou trainee	20	3,9
Total	516	100,0

Ao serem questionados sobre a atual atividade exercida, se são jornalistas ou docentes (Tabela 19), 88,6% declaram trabalhar como jornalista e apenas 7,6% como docente na área. É pertinente também encontrarmos docentes que também atuam na mídia e vice-versa. Aqui, no entanto, trata-se da atividade principal.

Tabela 20 - Qual é o tipo de vínculo empregatício em seu trabalho principal?

Vínculo empregatício	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	13	2,5
Carteira assinada (CLT)	238	46,1
Carteira assinada com redução de salário	2	0,4
Carteira assinada com período intermitente	1	0,2
Servidor (a) público (a)	38	7,4
Cargo comissionado	24	4,7
Freelancer	34	6,6
Prestação de Serviço sem contrato firmado	27	5,2
Contrato por hora/aula	2	0,4
Contrato público temporário	4	0,8
Contrato de prestação de serviços	18	3,5
Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	25	4,8
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	34	6,6
Sou MEI (Microempreendedor (a) Individual)	54	10,5



Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	2	0,4
Total	516	100,0

Entre a amostra de respondentes, 46,7% declararam ter vínculo empregatício regido pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. Como servidor público concursado são 7,4%, outros 4,7% trabalham no setor público como comissionados. Desta feita, temos 58,8% de profissionais com vínculos contratuais que garantem direitos trabalhistas. Como proprietários do negócio com funcionários há 4,8% dos profissionais. As demais formas de vínculo, que podem ser qualificadas como precárias correspondem a 34% dos profissionais, são designadas por diferentes nomes como pessoas jurídica, MEI, freelancer, contrato por hora e contrato público (Tabela 20).

Tabela 21 - Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho como jornalista ou docente em jornalismo?

Renda	Frequência	Porcentagem válida
Sem renda	10	1,9
Até R\$ 1100	23	4,5
De R\$ 1101 a R\$ 2200	46	8,9
De R\$ 2201 a R\$ 3300	72	14,0
De R\$ 3301 a R\$ 4400	73	14,1
De R\$ 4401 a R\$ 5500	91	17,6
De R\$ 5501 a R\$ 11000	128	24,8
De R\$ 11001 a R\$ 22000	48	9,3
Acima de R\$ 22001	14	2,7
Não quero informar	11	2,1



Total	516	100,0
-------	-----	-------

Com relação à faixa salarial, a Região Sudeste não difere muito na distribuição em relação aos dados gerais do país. São 45,7% de jornalistas com salários que vão de R\$ 2.201,00 a R\$ 5.500,00. Já 24,8% percebem entre R\$ 5.501,00 a R\$ 11.000,00 (Tabela 21). Vê-se, portanto, que os jornalistas fazem parte de uma camada média baixa da população em relação aos ganhos salariais, embora expressiva parcela da categoria tenha formação superior e seja pós-graduada.

Tabela 22 - Sua remuneração líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais?

Avaliação	Frequência	Porcentagem válida
Sim	206	39,9
Às vezes	119	23,1
Não, fico sempre devendo	49	9,5
Não, mas me viro com trabalhos extras	61	11,8
Não, mas tenho apoio de companheira (o)	39	7,6
Não, mas recebo suporte dos meus pais	35	6,8
Não, mas conto com ajuda de outras pessoas	7	1,4
Total	516	100,0

As declarações sobre a qualidade dos proventos recebidos para o sustento pessoal e familiar mostram de fato quais implicações as faixas salariais médias e médias baixas têm na vida desses profissionais (Tabela 22). Apenas 39,9% dos respondentes declararam que os salários são suficientes para prover as necessidades. A maioria absoluta, 60,2%, declara não conseguir manter-se com os salários: ficam devendo, contam com a ajuda de cônjuges, pais,



outras pessoas ou buscam trabalho extra.

Tabela 23 - Você recebe algum tipo de benefício ou suporte vinculado a sua ocupação principal? Plano de saúde

Benefício ou Suporte	Frequência	Porcentagem válida
Plano de saúde	222	43,0
Auxílio saúde	18	3,5
Vale (ou auxílio) alimentação	150	29,1
Vale (ou auxílio) refeição	161	31,2
Vale (ou auxílio) transporte	127	24,6
Auxílio creche	17	3,3
Plano de previdência complementar	36	7,0
Participação nos lucros ou resultados	61	11,8
Incentivo à qualificação (cursos, treinamentos fora da empresa)	60	11,6
Equipamento de proteção individual compatível com o grau de risco de sua atividade	21	4,1
Apoio jurídico	32	6,2
Apoio psicoterápico	26	5,0
Treinamentos in-company relacionados à atividade que desempenha ou outras relevantes	65	12,6
Nenhum	166	32,2
Outro. Qual?	15	2,9
Total de respondentes válidos	516	100,0



Total de respostas	1177	
--------------------	------	--

Tabela 24 - Outro. Qual?

Outro. Qual?	Frequência
Ajuda com custo de home office	1
aposentadoria da minha ocupação principal que é funcionária pública federal	1
Aposentadoria do INSS e renda de investimentos/aposentadoria complementar	1
Aposentadoria por tempo de contribuição	1
Auxílio home office	2
auxilio internet	1
Cesta básica	1
Franquia de conta de telefone celular, assinatura do jornal	1
Gratificação	1
Plano odontológico	1
Seguro de vida	1
Seguro de vida; Plano Odontológico; Cobertura dos benefícios igual e sem desconto para cônjuge	1
Transporte noturno.	1
Veículo e auxílio combustível	1

Quanto aos benefícios recebidos pelo vínculo de trabalho, são clássicas as conquistas dos acordos coletivos em torno de auxílio ou plano de saúde, vale refeição e/ou alimentação e vale transporte. Nesses itens, 43% recebe benefício de plano de saúde; 29,1% recebem



vale alimentação; 31,2% recebe vale refeição; 24,6%, vale transporte. O auxílio creche é recebido por 3,3% dos contratados. Relevantes, mas ainda pouco expressivos, são os apoios para treinamentos e cursos, somando 24,6% das respostas. Interessante destacar os auxílios para apoio psicoterápico, jurídico e equipamentos individuais de segurança. No entanto, chama atenção o dado de que 32,2% afirmam não receber qualquer tipo de benefício (Tabela 23). Há também os que declaram outros tipos de benefícios, numa escala de respostas diversificadas e numericamente pouco expressiva (Tabela 24).

Tabela 25 - Como você ingressou em seu trabalho atual?
(Considere sua ocupação principal)

Ingresso no atual trabalho	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	10	1,9
Concurso público	41	7,9
Processo seletivo realizado pelo contratante	155	30,0
Seleção por empresa de recrutamento	5	1,0
Em continuação a estágio ou trainee	29	5,6
Indicação de amigo ou colega	110	21,3
Vínculo familiar	3	0,6
Foi convidada (o)	78	15,1
Contratação como prestador (a) de serviços	23	4,5
Abriu uma empresa	35	6,8
Ingressou em uma iniciativa independente/alternativa de jornalismo	12	2,3
Cargo de confiança em órgão público	15	2,9
Total	516	100,0

A mobilidade na área é expressiva, como mostraram os dados sobre o tempo na profissão e a quantidade de mudanças de emprego. Corroboram esses achados, os dados de que apenas 7,9% fez concurso público, outros 30% passou por processo seletivo, 5,6% foi efetivado do programa de estágio ou trainee. Indicação de colegas, relação familiar e convite somam 37% das formas de acesso ao emprego (Tabela 25). Este é um elemento para ser problematizado em relação às questões dos compromissos corporativos e da ética profissional.

Tabela 26 - Outro. Qual?

	Frequência
Como colaboradora	1
Contatos profissionais	1
Continuação a freelancer	1
Decisão pessoal de atuar como blogueiro independente	1
Envio de sugestão de pauta o veículo de comunicação	1
era cpl, fui ser correspondente autônoma e depois freelancer	1
Faço um blog diário sem retorno financeiro	1
Fui eleito	1
Por conta própria	1
Troca de função	1

A Tabela 26, apresenta o conjunto de respostas descrito na opção “Outro” sobre a forma de ingresso no atual trabalho. Observa-se que estas outras respostas demarcam relações de vínculos precários de trabalho: colaborador, freelancer, independente, conta própria etc.



Tabela 27 - Em sua ocupação principal, qual sua área de atuação?

Área de Atuação	Frequência	Porcentagem válida
Mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística)	306	59,3
Docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	34	6,6
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais)	176	34,1
Total	516	100,0

Sobre a área de atuação (Tabela 27), a pesquisa traz o dado de 59,3% dos respondentes serem profissionais atuando na mídia, seja ela hegemônica, arranjos alternativos de mídia independente ou as que se declaram startups. Na docência estão 6,6% dos respondentes e fora da mídia, basicamente assessoria de imprensa e comunicação, estão expressivos 34,1% dos jornalistas.

3. O trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência

3.1. O trabalho dos jornalistas na mídia

As respostas à questão sobre onde trabalham os jornalistas que atuam na mídia superam os 100% dos respondentes, indicando que boa parte dos profissionais que atuam na imprensa têm mais de uma atividade remunerada.

Entre os jornalistas que atuam na mídia, o volume de profissionais que atuam no jornalismo online equivale a 2/3 do total (64,8%). O terço restante pode ser dividido em outros três grupos bastante similares em termos de volume de respondentes, sendo Jornal a mídia com maior concentração de jornalistas neste grupo (24,6%), seguido de TV (23,3%). Os demais profissionais se concentram em Revista (12,6%), Agências Noticiosas (9,6%) e Rádio (8%), restando um grupo menor (7%) que apontou outras atividades. Estas respostas corroboram a visão de mais de uma atividade por parte significativa dos jornalistas, uma vez que a maior parte de quem marcou 'outras alternativas' indicou trabalhar em assessorias de imprensa/comunicação, agência e/ou comunicação no contexto das organizações (Tabela 28).

Tabela 28 - Você trabalha atualmente em que tipo de mídia(s)?

Tipo de mídia	Frequência	Porcentagem válida
TV	70	23,3
Rádio	24	8,0
Online	195	64,8
Jornal	74	24,6
Revista	38	12,6
Agência de notícia	29	9,6
Outra. Qual?	21	7,0



Total de respondentes válidos	301	100,0
-------------------------------	-----	-------

Na opção “Outra. Qual?” o conjunto de respostas disponível (Tabela 29), nos apresenta uma variedade de tipos de organizações, que não se configuram como organizações de mídia e sim como organizações fora da mídia. Apenas a resposta “Podcast” atende ao questionamento feito e a ausência da opção de resposta.

Nesse conjunto de respostas estão assessores de comunicação ou imprensa, que atuam para organizações midiáticas nessa função. Por sua vez, o conjunto de respostas, também, dá indícios de que um conjunto de jornalistas do Sudeste se reconhecem como jornalistas porque são responsáveis por alimentar os veículos de mídia usados pelas organizações para as quais trabalham. Em alguns casos, eles igualam o tipo de organização ao tipo de meio para o qual desenvolvem sua atividade. Um destaque no conjunto de respostas da Tabela 29, foi a resposta “AI”, referindo-se à inteligência artificial.

Chama atenção, um jornalista reconhecer a Inteligência Artificial, que está relacionada ao ambiente virtual de trabalho – a internet e as plataformas – como veículo de mídia. Essa atividade está fora do conjunto de atividades do jornalismo e de sua deontologia, mas dialoga com um novo conjunto de atividades fora da mídia, que atualmente estão sob a responsabilidade desses profissionais, como análise de tráfego, relacionamento nas redes sociais, ou gestão de conteúdo para mídias sociais.

Tabela 29 - Outra. Qual?

Outro tipo de mídia	Frequência
Assessoria de Comunicação	1
Agência de checagem	1
Agência de comunicação	1
Agência de publicidade	1
Assessoria	1



ASSESSORIA	1
Assessoria de imprensa	1
Assessoria de Imprensa	1
Assessoria de Imprensa (Sindicato)	1
Associações de classe - jornalismo sindical	1
Comunicação corporativa	1
Coordenadoria de comunicação - Prefeitura	1
Editora de livros	1
Legislativo Municipal	1
Livros	1
mídias sociais	1
OBs: talvez eu tenha respondido algo indevidamente, em opções anteriores: sou jornalista aposentada e faço freelancer, no momento.	1
ONG	1
Podcasts	1
Startup relacionada a jornalismo	1
Trabalho em AI	1

As organizações nas quais os jornalistas do Sudeste atuam de modo mais significativo (Tabelas 30 e 31) - considerando a quantidade de pessoas - são as empresas privadas, em suas diferentes esferas, concentrando 73,5% dos jornalistas. Muito longe disso estão aqueles e aquelas que atuam endente (9%)” por “em instituições públicas e em iniciativas de mídia independente, ambas com 9%, e em iniciativas de mídia independente (9%). No terceiro setor trabalham 5% dos jornalistas. É interessante observar que há uma relação proporcional entre jornalistas que atuam em empresas privadas com atuação nacional e regional e as iniciativas de jornalismo independente nacional e regional. Proporcionalmente, em ambos os casos, a esfera de atuação nacional, presente no relatório nacional da pesquisa do



perfil (LIMA, 2022), é três vezes maior que a regional. Na empresa privada com atuação nacional estão 40,9% dos jornalistas, enquanto nas empresas privadas com atuação regional ficam 13,3%. Na iniciativa de jornalismo independente nacional estão 5,6% dos profissionais e no jornalismo independente regional tem apenas 1,7% dos profissionais. Também se percebe que, em termos de volume de trabalhadores, o jornalismo independente local (1,7%) tem uma proporção maior com relação à empresa privada com atuação local (4%), indicando que localmente há maior participação de jornalistas em iniciativas independentes¹.

Tabela 30 - Como você caracteriza o perfil da instituição para a qual você trabalha? (Considere sua ocupação principal.)

Perfil da Instituição	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	8	2,7
Empresa privada com atuação internacional	46	15,3
Empresa privada com atuação nacional	123	40,9
Empresa privada com atuação regional	40	13,3
Empresa privada com atuação local	12	4,0
Iniciativa de jornalismo independente internacional	3	1,0
Iniciativa de jornalismo independente nacional	17	5,6
Iniciativa de jornalismo independente regional	5	1,7
Iniciativa de jornalismo independente local	5	1,7
Instituição pública	27	9,0

1 Sobre o trabalho nas iniciativas de jornalismo independente pode consultar a pesquisa desenvolvida pelo Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo, que investigou essas iniciativas na cidade de São Paulo. Disponível em https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/publicacoes_cpct/as-relacoes-de-comunicacao-e-as-condicoes-de-producao-no-trabalho-de-jornalistas-em-arranjos-economicos-alternativos-as-corporacoes-de-midia-2/

Instituição do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.)	15	5,0
Total	301	100,0

Tabela 31 – Outra. Qual?

Outro tipo de caracterização institucional	Frequência
Associações de classe	1
Empresa privada que gerencia TV pública.	1
Empresa pública internacional	1
Negócio social de atuação nacional	1
Partido político	1
Revista de um colégio	1
Sociedades Médicas	1
Sou freelancer	1

Apesar da maioria dos jornalistas atuar em organizações com abrangência internacional, nacional e regional, o tamanho das equipes não é grande. São 52,8% o percentual de jornalistas atuando em equipes com até 10 pessoas, sendo a parte mais volumosa (21,9%) trabalhando com 2 a 4 pessoas. Individualizando por categoria, no entanto, o maior volume de trabalhadores (28,6%) está trabalhando em lugares que têm mais de 51 pessoas (Tabela 32).

Tabela 32 - Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

Quantidade	Frequência	Porcentagem válida
Só você	39	13,0
De 2 a 4	66	21,9
De 5 a 10	54	17,9



De 11 a 20	32	10,6
De 21 a 50	24	8,0
Acima de 51	86	28,6
Total	301	100,0

Entre os jornalistas que atuam na mídia, na região Sudeste, as funções mais ocupadas são as clássicas: 35,9% afirmaram ser repórteres e 23,6% indicaram ser editores, incluindo editores executivos e editores assistentes. Os demais respondentes se distribuíram nas funções características dos veículos midiáticos, como pode ser observado na Tabela 33.

Tabela 33 - Qual é a sua função?

Função	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	27	9,0
Repórter	108	35,9
Repórter fotográfica (o)	3	1,0
Repórter cinematográfica (o)	6	2,0
Editor (a) (inclui editor (a) executivo (a) e editor (a) assistente)	71	23,6
Chefe de redação	11	3,7
Consultor (a)	3	1,0
Colunista	6	2,0
Correspondente	1	0,3
Editorialista	1	0,3
Diagramador	2	0,7
Âncora	6	2,0
Produtor (a)	21	7,0



Diretor (a)/Gestor (a)	13	4,3
Coordenador(a)	15	5,0
Gestor (a) de redes sociais	7	2,3
Total	301	100,0

O conjunto de respostas indicando a opção “Outra” (Tabela 34), novamente reforça um conjunto de atividades realizadas fora de veículos de mídia, como se viu na Tabela 29. Por sua vez, as respostas também revelam o acúmulo de atividades que são realizadas pelos jornalistas no processo produtivo das organizações midiáticas e a polivalência dos profissionais como característica deste tipo de atividade.

Tabela 34 - Outra. Qual?

Função - outros	Frequência
Analista de Audiência	1
Analista de comunicação on e off-line	1
assessor de comunicação	1
Assessor de imprensa	1
Assessora	1
Assessora de Comunicação	1
Assessora de Comunicação e Imprensa	1
Assessora de imprensa	1
Assessora Parlamentar	1
Documentarista	1
Editor de Vídeos	1
Faço tudo relacionado à comunicação	1



Pauteira	1
produtor	1
Produtor de conteúdo	1
Redator	3
Redator/Fechamento	1
Redatora	1
Redatora/jornalista multimídia	1
Repórter, Editor, Repórter fotográfico, Produtor....	1
Sou redatora. Escrevo matérias a partir de agências. Cuido de redes sociais e responde emails enviados à ascom	1
subeditora	1
subeditora, colunista e repórter	1
Todas as funções	1
Variável. Repórter, editora, colunista... depende do meio, não tenho um principal	1

Ao serem questionados sobre quais atividades desenvolvem em um dia normal de trabalho (Tabela 35 e 36), as atividades mais indicadas foram as comuns ao trabalho jornalístico, tendo peso maior as de entrada na profissão como Pauta/Produção (66,8%) e Reportagem (67,1%), seguidas de Edição (56,5%). Nas atividades elencadas também se percebe a sobreposição de funções e a multifuncionalidade exigida desses profissionais, seja por conta do número de empregos necessários para se manter, seja pelas mudanças na atividade que caracterizam o atual modo de produção no jornalismo.

Depois das atividades relacionadas à produção jornalística propriamente dita, os profissionais se concentram também em atividades de gestão e planejamento, sendo que 26,6% atuam na gestão/produção de conteúdos para redes sociais, 23,9% trabalham com planejamento de projetos editoriais e 21,9% fazem gestão ou coordenação de equipes. Depois aparecem as mais diversas atividades como apresentação/locação (18,9%), assessoria de imprensa (16,3%), fotografia (14,6%), atividades administrativas (13,6%), comunicação

interna (13%) e chefia de redação (11,3%), sobrando poucos profissionais em atividades mais específicas como captação em vídeo (7,6%) e diagramação (5%).

Tabela 35 - Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?

Atividades	Frequência	Porcentagem válida
Reportagem	202	67,1
Edição	170	56,5
Pauta / produção	201	66,8
Fotografia	44	14,6
Cinegrafia (captação de vídeo)	23	7,6
Diagramação / Design gráfico	15	5,0
Assessoria de imprensa	49	16,3
Gestão / Coordenação (de equipes)	66	21,9
Apresentação / Locução	57	18,9
Chefia de redação	34	11,3
Gestão / Produção de conteúdo para redes sociais	80	26,6
Planejamento de projetos editoriais	72	23,9
Atividades administrativas	41	13,6
Comunicação interna	39	13,0
Outra (s). Qual (is)?	10	3,3
Total de respondentes válidos	301	100,0

Tabela 36 – Outras. Quais?

	Frequência
--	------------



Criação de texto para blog/site	1
Ilustração	1
Infografia	1
Planejamento de conteúdo, avaliação de conteúdo de programas	1
Preparação de textos de outros colegas, no fechamento, como editor assistente	1
Produção e gestão de conteúdo geral	1
Redação	1
Redação de colunas, editoriais, ensaios, reportagens esporádicas	1
Redação e revisão de conteúdo online	1
Todas	1

3.2. O trabalho dos jornalistas fora da mídia

O Sudeste é economicamente a região mais importante do país. Se não é a maior em extensão, é a que tem a maior população, o maior PIB, a maior quantidade - e as maiores - empresas, indústrias, universidades, veículos de imprensa, agências etc. É natural que essa região concentre também o maior volume de jornalistas brasileiros. Do plano amostral adotado nesta pesquisa, ajustado considerando a sua distribuição em cada unidade da Federação, os estados de Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo respondem por 61,46% dos jornalistas brasileiros (LIMA, 2022). E, se a região Sudeste concentra o maior percentual de profissionais, dado o seu perfil sócio-econômico, é natural que também concentre o maior volume de trabalhadores que atuam fora da mídia. Como se viu na Tabela 27, 34,1% dos jornalistas atuam fora da mídia (não considerando a atividade docente), enquanto no Brasil esse percentual é de 34,9%, como mostra o relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro (LIMA, 2022).

Os dois ramos principais de atuação onde esses jornalistas que estão fora da mídia

trabalham é Assessoria de Imprensa (34,1%) e Agência de Comunicação (23,5%), correspondendo a 57,6% do total de respondentes. Se considerarmos o percentual dos que atuam em Agências de Publicidade (2,9%) teremos 60,5% dos jornalistas trabalhando em empresas que se caracterizam pela prestação terceirizada de serviços de comunicação a outras organizações. Os demais profissionais que atuam fora da mídia estão alocados em Empresas ou Órgãos Públicos (16,5%), Outras Instituições Privadas (10%) e Organizações do Terceiro Setor ou da Sociedade Civil (8,8%). Entre os que apontaram outros lugares de atuação (4,1%), a maioria indicou trabalhar em Editoras (Tabela 37 e 38).

Tabela 37 - Em que ramo de atuação você exerce sua atividade principal?

Ramo de atuação	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	7	4,1
Assessoria de imprensa	58	34,1
Agência de comunicação	40	23,5
Agência de publicidade	5	2,9
Outras instituições privadas	17	10,0
Empresas ou órgãos públicos	28	16,5
Organizações do terceiro setor ou da sociedade civil	15	8,8
Total	170	100,0

Tabela 38 – Outra. Qual?

Outra. Qual?	Frequência	Porcentagem válida
Central Sindical	1	0,2
Editora	1	0,2



Editora de livros e revistas	1	0,2
Editorial e produção de entrevistas e documentários.	1	0,2
Entidade de jornalistas	1	0,2
Jornalismo empresarial - comunicação interna	1	0,2
Startup de tecnologia	1	0,2

Na questão seguinte, que trata do perfil da instituição na qual os jornalistas disseram trabalhar (Tabela 39), observamos que 34,1% dos profissionais indicaram trabalhar em instituição pública (municipal, estadual ou federal) ou em organização de propriedade mista (público-privada). Considerando que anteriormente 16,5% dos respondentes indicaram trabalhar em Empresas ou Órgãos Públicos, percebemos um desencontro entre as respostas. A hipótese que consideramos mais plausível é que parte dos respondentes ao indicarem o ramo de atuação Assessoria de Imprensa o confundiu com a atividade de assessoria de imprensa em si, exercida em instituição pública. No cenário nacional os dados mostram que 17,1% dos trabalhadores atuam em empresas ou órgãos públicos.

Esta hipótese ganha força pois questões subsequentes do relatório questionam se o respondente atua em órgão público (Tabelas 40 e 41) e 66,9% indicaram não atuar no setor público, o que demonstra que realmente 34,1% trabalham vinculados a instituições públicas, nas diferentes esferas, sendo 21,9% no Executivo, 5,6% no Legislativo, 2,5% no Judiciário e 0,6% no Ministério Público.

Tabela 39 - Como você caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha?
(Considere sua ocupação principal.)

Perfil da instituição	Frequência	Porcentagem válida
Microempreendedor (a) Individual	9	5,3
Microempresa privada	22	12,9



Pequena empresa privada	35	20,6
Média empresa privada	25	14,7
Grande empresa privada	21	12,4
Instituição pública municipal	28	16,5
Instituição pública estadual	13	7,6
Instituição pública federal	13	7,6
Propriedade mista (público-privada)	4	2,4
Total	170	100,0

Tabela 40 - Se você atua em órgão público, por favor, indique qual poder

	Frequência	Porcentagem válida
Outro (especifique)	4	2,5
Não atuo em órgão público	107	66,9
Legislativo	9	5,6
Executivo	35	21,9
Judiciário	4	2,5
Ministério Público	1	0,6
Total	160	100,0

Tabela 41 – Outro (especifique)

Outro.	Frequência
--------	------------



Fundação	2
universidade	1
Universidade Federal	1

Por outro lado, observa-se que há 35,3% dos jornalistas atuando em pequenas e médias empresas privadas, enquanto os que trabalham em micro empresas ou são microempreendedores individuais respondem por 18,2% e os que atuam em grandes empresas privadas são 12,4% (Tabela 39). É interessante observar que, quando comparamos a atuação privada com os dados nacionais, a atuação como microempreendedor ou em microempresa é menor no Brasil (13,9%) do que no Sudeste, bem como o trabalho em pequenas ou médias empresas (27,8%). No entanto, a atuação em grandes empresas privadas é maior (13,4%).

Ao serem inquiridos quanto ao número de jornalistas que trabalham em seu setor (Tabela 42), a maior parte trabalha sozinho (28,2%) ou em equipes de até quatro pessoas (41,8%) ou sozinho (28,2%) e, se somarmos quem trabalha com até 10 pessoas (14,1%) temos 84,1% dos jornalistas do Sudeste que atuam fora da mídia. Isso indica que quem atua fora da mídia precisa ter um perfil polivalente e multifuncional, uma vez que a amplitude da atividade é bastante extensa e a perspectiva de atuar de modo especializado trabalhando sozinho ou em micro/pequenas equipes é muito baixa. Aqueles que trabalham em equipes com até 20 pessoas representam 7,6% dos respondentes e os que estão em equipes grandes, com até 51 pessoas, ou ainda maiores, tiveram 4,1% de respostas.

Tabela 42 - Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

Número de Jornalistas	Frequência	Porcentagem válida
Só você	48	28,2
De 2 a 4	71	41,8
De 5 a 10	24	14,1
De 11 a 20	13	7,6

De 21 a 50	7	4,1
Acima de 51	7	4,1
Total	170	100,0

As funções mais comuns exercidas pelos jornalistas fora da mídia (Tabela 43 e 44) são Assessor de Imprensa/Comunicação (41,2%), Produtor de Conteúdo (21,2%) e Gestor da Área de Comunicação (11,8%). Essas três funções representam 74,2% das respostas. No entanto nós poderíamos, por afinidade, incluir na função de Assessor de Comunicação a de Relações Públicas (1,2%) e vincular a de Marketing Digital/Inbound Marketing (1,8%) com Produção de Conteúdo. Também poderíamos agrupar todas as atividades relacionadas à gestão da comunicação/organização² (8,9%). Desse modo, a atuação em Assessoria de Imprensa/Comunicação permaneceria como a que mais ocupa os jornalistas (42,4%), seguida de Produção de Conteúdo/Marketing (23%) e com uma aproximação maior daqueles que atuam na Gestão da Comunicação (20,7%), ficando muito pouca gente focada em funções mais voltadas ao jornalismo como Edição (1,8%) e Reportagem (1,2%).

Tabela 43 - Qual é a sua função?

Função	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	11	6,5
Assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)	70	41,2
Produtor (a) de conteúdo	36	21,2
Gestor (a) de área e/ou de comunicação	20	11,8
Sócia (o) ou sócio (a)-diretor (a)	8	4,7
Consultor (a)	3	1,8

² Gestão de conteúdo (2,4%), Gerente/coordenador de Projetos (1,8%) Gerente/monitoramento de Redes Sociais (2,9), Sócio/Diretor (4,7%) e Consultor (1,8%)



Gestor (a) de conteúdos	4	2,4
Gerente/coordenador (a) de projetos	3	1,8
Gerente/monitoramento de redes sociais	5	2,9
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	3	1,8
Relações Públicas	2	1,2
Repórter	2	1,2
Editor (a)	3	1,8
Total	170	100,0

Tabela 44 – Outra. Qual?

Outra função	Frequência
A maioria dessas descritas rs	1
Analista de Comunicação	2
Analista de Informações Sociais	1
Analista de mkt	1
Diretor de Comunicação	1
Jornalista	1
Presidente/pauteiro/repórter	1
Produtor de conteúdo e assessor de comunicação	1
Produtora de TV e rádio	1
Todos	1

As atividades exercidas pelos jornalistas nas organizações em que trabalham são bastante diversificadas e oscilam entre a produção e a gestão (Tabelas 45 e 46). Entre o que se pode caracterizar como sendo de produção, o que mais se faz é a Produção de Conteúdo, esse amálgama de diferentes atividades, que foi indicado por 85,3% dos respondentes. Além disso eles também fazem atendimento em Assessoria de Imprensa/Comunicação (64,1%), Monitoramento de Redes Sociais (47,6%), Edição (41,8%) e Reportagem (37,1%), para citar as cinco principais atividades ligadas à produção³. No âmbito da gestão, foram apontadas a Gestão de Área/Comunicação (54,7%), Gestão de Conteúdos (51,2%), Gestão de Projetos (31,8%), Consultoria (21,2%) e Planejamento de Negócios (11,8%). As respostas apontadas como outras (5,9%) eram todas relacionadas à produção.

Tabela 45 - Quais as atividades que você exerce em um dia normal de trabalho?

Atividades	Frequência	Porcentagem válida
Assessor de imprensa/comunicação (atendimento)	109	64,1
Produção de conteúdo	145	85,3
Gestão de área e/ou comunicação	93	54,7
Consultoria	36	21,2
Planejamento de negócios	20	11,8
Gestão de conteúdos	87	51,2
Gestão de projetos	54	31,8
Monitoramento de redes sociais	81	47,6
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	46	27,1

³ Os jornalistas também marcaram Marketing Digital/Inbound Marketing (27,1%), Relações Públicas (27,6%), Fotografia (23,5%), Design Gráfico (12,4%) e Cinegrafia (5,9%).



Relações Públicas	47	27,6
Reportagem	63	37,1
Fotografia	40	23,5
Cinegrafia	10	5,9
Design gráfico	21	12,4
Edição	71	41,8
Outra (s). Qual (is)?	10	5,9
Total de respondentes válidos	170	100,0

Tabela 46 - Outra (s). Qual (is)?

Outra atividade	Frequência
Atendimento ao moradores locais via WhatsApp	1
Cerimonial	1
clipagem	1
Coordenação Técnica	1
Organização de eventos	1
Pauta	1
Produção de Clipping	1
Produtora de TV e rádio	1
Roteirização, produção	1
Também dou aula no curso de adm marketing	1

3.3. O trabalho dos jornalistas em docência

Os jornalistas que têm na docência sua atividade principal são uma parcela expressiva dos respondentes da região Sudeste e correspondem a 6,6% da amostra total (Tabela 27). Suas atividades docentes concentram-se basicamente nas áreas de Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação Jornalismo (84,8%) e outras habilitações da Comunicação Social como Publicidade, Relações Públicas e Rádio e TV (39,4%). Mas há também os que se dedicam a outras áreas, a saber: Ciências Humanas foi indicado por 12,1%, Linguística, Letras e Artes por 6,1%, Ciências Sociais Aplicadas, por 3,0% e Design por 3,0% dos respondentes (Tabela 47 e 48).

Tabela 47 - Em que área do conhecimento você atua como professor (a) atualmente?

Área de atuação	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo	28	84,8
Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc)	13	39,4
Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	1	3,0
Ciências Humanas	4	12,1
Linguística, Letras e Artes	2	6,1
Outra. Qual?	1	3,0
Total de respondentes válidos	33	100,0

Tabela 48 – Outra. Qual?

	Frequência
--	------------



Design	1
--------	---

Na questão em que se inquiriu sobre há quanto tempo os profissionais estão atuando como docentes (Tabela 49), observamos que há grande concentração de profissionais que se dedicam à docência há mais de dez anos, sendo que 24,2% atuam na área entre 11 e 15 anos. Os jornalistas que exercem atividades docentes entre 21 e 25 anos correspondem a 21,2% dos respondentes; outros 18,2% situam-se na faixa entre 16 e 20 anos de docência e 3% trabalham como professores entre 26 e 30 anos. Os docentes que exercem suas atividades entre 7 e 10 anos são 12,1% do total. Este mesmo percentual é também obtido dos que são docentes há menos tempo, ou seja, entre 1 e 3 anos. Na faixa entre 4 e 6 anos, estão 9,1% dos respondentes.

Tabela 49 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de jornalismo

Tempo	Frequência	Porcentagem válida
1 a 3 anos	4	12,1
4 a 6 anos	3	9,1
7 a 10 anos	4	12,1
11 a 15 anos	8	24,2
16 a 20 anos	6	18,2
21 a 25 anos	7	21,2
26 a 30 anos	1	3,0
Total	33	100,0

Em sua maioria os docentes trabalham com outros jornalistas graduados (Tabela 50). Considerando a amostra pesquisada, 33,3% dos respondentes disseram fazer parte de equipes de 11 a 20 professores jornalistas; outros 24,2% em equipes com 2 a 4 profissionais e outros 21,2% integram grupos de 5 a 10 jornalistas. Os que atuam isoladamente (6,1%) ou

em grandes equipes com 21 a 50 jornalistas (9,1%) ou acima de 51 profissionais (6,1%) compõem a minoria dos respondentes.

Tabela 50 - Quantas (os) professores graduadas (os) em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo trabalham com você

Quantidade	Frequência	Porcentagem válida
Só você	2	6,1
De 2 a 4	8	24,2
De 5 a 10	7	21,2
De 11 a 20	11	33,3
De 21 a 50	3	9,1
Acima de 51	2	6,1
Total	33	100,0

As Universidades de iniciativa privada são as que mais empregam os jornalistas que são docentes na região Sudeste (Tabelas 51 e 52). No total, foram 36,4% os que afirmaram trabalhar nestas instituições. Outros 15,2% trabalham em faculdades privadas e 12,1% em centros de ensino privado. Isso permite afirmar que o setor privado de educação superior é dominante em relação às demais opções. As universidades federais empregam 18,2% dos respondentes e as estaduais, 9,1%. Os demais respondentes atuam, respectivamente, em universidades confessionais (12,1%), faculdade comunitária ou similar (3,0%), centro de ensino superior comunitário ou similar (3,0%) e centro de ensino superior confessional (6,1%). Apenas 3,0% trabalham em outros tipos de curso.



Tabela 51 - Em que tipo de instituição de ensino superior você trabalha?

	Frequência	Porcentagem válida
Universidade Federal	6	18,2
Universidade de Iniciativa Privada	12	36,4
Universidade Estadual	3	9,1
Universidade Confessional	4	12,1
Faculdade de Iniciativa Privada	5	15,2
Faculdade Comunitária ou similar	1	3,0
Centro de Ensino Superior Privado	4	12,1
Centro de Ensino Superior Comunitário ou similar	1	3,0
Centro de Ensino Superior Confessional	2	6,1

Tabela 52 - Outra. Qual?

Outra	Frequência
Leciono em cursos do Sindicato dos Jornalistas de SP e Ceará	1

Na questão que pergunta “Você está vinculada (o) como docente à pós-graduação stricto sensu?” (Tabelas 53 e 54), a maioria dos profissionais, 69,7%, não atua em cursos de pós-graduações stricto sensu. Os 21,2% que trabalham na pós-graduação exercem suas atividades em cursos na área de Comunicação. Os demais respondentes distribuem-se uniformemente, com 6,1%, em cursos nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e em outras áreas do conhecimento.



Tabela 53 - Você está vinculada (o) como docente à pós-graduação strictu sensu?

Atua em curso de Pós-graduação	Frequência	Porcentagem válida
Não	23	69,7
Sim, na área da Comunicação	7	21,2
Sim, na área de Ciências Sociais Aplicadas (exceto Comunicação ou Jornalismo)	2	6,1
Sim, nas Ciências Humanas	2	6,1
Sim, em outra (s) área (s) do conhecimento. Qual (is)?	2	6,1
Total de respondentes válidos	33	100,0

Tabela 54 - Outra área. Qual?

Outra área	Frequência
Área Interdisciplinar e Ciência da Informação	1
Promoção da Saúde	1



4. Características gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança

A maior parte dos jornalistas e das jornalistas do Sudeste está há pouco tempo em seu trabalho atual. Pelo menos é isso que se pode inferir ao observarmos que 52,7% desses profissionais estão no seu trabalho principal há menos de três anos e 15% estão entre três e seis anos. Para 10,4% a relação laboral está entre seis e 10 anos e com mais de 10 anos de casa estão 21,2% dos jornalistas e das jornalistas (Tabelas 55 e 56).

Tabela 55 – Você está há quanto tempo no seu trabalho principal?

Tempo	Frequência	Porcentagem válida
Outro (especifique)	3	0,6
Até 1 ano	140	28,1
Entre 1 e 3 anos	123	24,6
De 3 a 6 anos	75	15,0
Entre 6 e 10 anos	52	10,4
De 10 a 20 anos	60	12,0
Entre 20 e 30 anos	28	5,6
Mais de 30 anos	18	3,6
Total	499	100,0

Tabela 56 – Outro (Especifique)

Outro	Frequência
2 meses	1
É um trabalho pontual (freelancer)	1
Não tenho um trabalho principal. Atuo como freelancer de maneira igual para diferentes meios	1

Considerando que o período de coleta dos dados foi coincidente com a pandemia de Covid-19, 69,3% dos jornalistas informaram que executavam seu trabalho principal, na maior parte do tempo, a partir de suas casas, enquanto 19,8% trabalhavam na empresa ou outro local de trabalho e 8,4% oscilavam com parte das atividades sendo feita em casa e outra parte na organização em que trabalham (Tabela 57).

Tabela 57 - Considerando os últimos seis meses,
onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?

Local	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Onde?	1	0,2
Em casa	346	69,3
Em empresa ou outro local de trabalho	99	19,8
Em local público com acesso à Internet	2	0,4
Em local privado com acesso à Internet	9	1,8
Parte em casa e outra parte do tempo na organização em que trabalho	42	8,4
Total	499	100,0



Nas respostas à questão “Os equipamentos, móveis, softwares e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem? (Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando.)”, chama a atenção que metade dos jornalistas (50,7%) custeavam móveis, softwares e outros itens necessários para o trabalho e outros 17% pagavam esses custos parcialmente, tendo uma contrapartida dada pela empresa. Apenas 30,9% tinham os seus custos laborais, isto é, custos para a realização do trabalho, pagos pela organização contratante (Tabela 58). Houve dois respondentes que indicaram que os custos com equipamentos necessários para realizar seu trabalho eram pagos por eles e por familiares (Tabela 59).

Tabela 58 - Os equipamentos, móveis, softwares e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem? (Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando.)

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	2	0,4
Instituição/empresa para a qual trabalho	154	30,9
Por mim mesma (o)	253	50,7
Parte por mim e parte pela instituição contratante	85	17,0
Por familiares	5	1,0
Total	499	100,0

Tabela 59 – Outro. Qual?

Outro	Frequência
Parte por mim e parte por familiares	1
Uma parte por mim, e outra parte por familiares.	1

Entre os indicadores para avaliar a qualidade de vida dos jornalistas está o número de fontes de renda, empregos e trabalho remunerado dos profissionais. No tempo presente, com a flexibilização dos direitos trabalhistas, a implementação da lógica de empresa enxuta das organizações e a redução do valor pago aos profissionais, muitos trabalhadores, em diferentes setores produtivos, têm sido forçados a diversificar suas fontes de renda para garantir uma vida digna. Esse fenômeno tem sido designado como “GIG Economy”, ou sociedade de bicos (ANTUNES, 2018). No jornalismo essa realidade não é diferente. Sobre esse indicador, 54,5% indicaram ter apenas uma ocupação principal. Por sua vez, 26,1% tem duas ocupações, 6,4% tem três ocupações e 2,4% mais de quatro ocupações. Esses dados indicam que 34,9% dos jornalistas do Sudeste assumem responsabilidades em mais de uma ocupação, o que contribui para o estresse, adoecimento e má qualidade de vida dos profissionais. Há também os 5% de respondentes que se identificaram como freelancer, um tipo de relação de trabalho instável, que impacta nas condições de subsistência do trabalhador, em sua capacidade de fazer planos para o futuro e na qualidade de vida desses trabalhadores (Tabela 60).

Tabela 60 - Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

Quantidade	Frequência	Porcentagem válida
Um	272	54,5
Dois	130	26,1
Três	32	6,4
Quatro ou mais	12	2,4
Atuo como freelancer	25	5,0
Nenhum	28	5,6
Total	499	100,0

Dos jornalistas que disseram ter mais de uma ocupação, 34,7% indicaram ter como



atividade secundária o trabalho em mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc). Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico), foi a indicação de 30,7% dos profissionais. Além da ocupação principal têm na docência uma segunda ocupação, 11,1% dos jornalistas e 23,1% indicam ter uma atividade secundária fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele (Tabela 61). Estes dados revelam uma situação de precarização do trabalho dos jornalistas que ao assumirem novas ocupações aumentam suas responsabilidades, a jornada de trabalho e a tensão sobre si mesmos, o que cria um contexto oportuno ao adoecimento.

Tabela 61 – Se você tem mais de um emprego ou fonte de renda, qual a área de atuação da atividade secundária?

	Frequência	Porcentagem válida
Só tenho um trabalho	13	6,5
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc.)	69	34,7
Docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	22	11,1
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico)	61	30,7
Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?	46	23,1
Total de respondentes válidos	199	100,0

Dos respondentes que indicaram ter como segunda ocupação atividades fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele, observa-se que são variadas as formas de ocupação (Tabela 62). Para melhor compreender estes dados, agrupamos as respostas em

quatro categorias: Administrativas e Comércio; Aposentado (a) ou vive de renda; Atividades diversas; Atividades de áreas afins à comunicação. A variedade indica que os jornalistas com outras fontes de renda fora do jornalismo, usam da criatividade para conseguir completar a renda.

Tabela 62 – Outra área. Qual?

Grupo	Setores	Qtd
Administrativa e comércio	Administrativa (1), Aluguel de imóvel/Corretagem imobiliária (4), Artesanato (1), Auxiliar de Manipulação(1), Bares e entregas (1), Comércio/Vendas (2)	11
Aposentado (a) ou vive de renda	Aposentadoria (10), Acerto trabalhista (1)	11
Atividades diversas	Árbitra de futebol (1), Aula particular (1), Empreendedorismo (1), Gastronomia (1), Gestão condomínio (1), Horta orgânica (1), Produtora rural (1), Trabalho sexual (1), Tradução (2)	10
Atividades de áreas afins a comunicação	Marketing (2), Audiovisual (1), Autor de livros didáticos/Literatura/Edição e revisão de texto (6); Revisão de texto e docência ensino fundamental/ Magistério público(2); Mestre de cerimônia (1); Pesquisa, reportagens freelancers (1); Consultoria (1)	14

Sobre a jornada de trabalho (Tabela 63), pouco mais da metade dos jornalistas (52,3%) trabalha até 8 horas por dia, um percentual muito próximo daqueles que responderam que tinham apenas um emprego/fonte de renda (54,5%). O restante trabalha de nove horas a 13 horas a mais por dia (44,3%), o que indica uma jornada extensa de trabalho de quase metade dos jornalistas. No entanto, os maiores percentuais por indicador foram daqueles que trabalham entre sete e oito horas (39%) e de nove a 10 horas (32%).



Tabela 63 - Em média quantas horas você trabalha por dia?

Jornada	Frequência	Porcentagem válida
Até 4 horas	20	4,5
De 5 a 6 horas	53	11,9
Entre 7 e 8 horas	173	39,0
De 9 a 10 horas	142	32,0
Entre 11 e 12 horas	37	8,3
13 horas ou mais	19	4,3
Total	444	100,0

As folgas, entendendo folga como um período ininterrupto de 24 horas de descanso, sempre foram um tema bastante problemático no ambiente jornalístico. Considerando que, em média, um mês tem 4,5 semanas, o trabalhador celetista médio descansa oito dias por mês. No caso dos jornalistas e das jornalistas do Sudeste, 39,7% conseguem tirar essas oito ou mais folgas mensais e o restante tira menos que isso, tendo um grupo de 12,4% dos profissionais que não tira folga ou tira apenas um dia de descanso por mês. Entre dois e quatro dias estão 26,1% dos jornalistas e com cinco a sete folgas estão os demais 21,8% da categoria (Tabela 64).

Tabela 64 - Em geral, quantas folgas você tem em um mês de trabalho (ao menos 24h de descanso ininterruptas)?

Quantidade	Frequência	Porcentagem válida
0	36	8,1
1	19	4,3
2	33	7,4



3	10	2,3
4	73	16,4
5	13	2,9
6	53	11,9
7	31	7,0
8	165	37,2
9	3	0,7
10	4	0,9
12	4	0,9
Total	444	100,0

4.1. Indicadores de Saúde laboral e insegurança no trabalho

A saúde física e mental dos jornalistas também foi investigada pelo Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. Na região Sudeste, o estresse é uma condição emocional compartilhada no trabalho pela maioria dos profissionais. Dos 516 respondentes que atuam neste mercado, 65,1% se sentem estressados e 31,3% já foram diagnosticados com estresse, porcentagem muito próxima a de profissionais que já receberam indicação para tomar antidepressivos, que é de 30% da amostra. Por outro lado, apenas 17,3% desta categoria foi diagnosticada com algum outro transtorno mental relativo ao trabalho (Tabela 65).

Em comparação com os dados nacionais observados no relatório geral da pesquisa, a Região Sudeste apresenta um índice muito próximo ao aferido pelo conjunto de jornalistas de todas as regiões do País, pois 66,2% se sentem estressados. O número de profissionais que foram diagnosticados com estresse no Brasil é somente um pouco maior que o do Sudeste, com 34,1% dos profissionais confirmando que já foram diagnosticados com estresse ocasionado pelas atividades laborais. Em relação àqueles que receberam indicação para tomar antidepressivos, os dados nacionais e regionais também são muito parecidos, pois 31,4% de todos os jornalistas brasileiros receberam indicação medicamentosa. Na questão relativa à identificação de algum outro transtorno mental relacionado ao trabalho, a contagem nacional é somente um pouco superior à sudestina, tendo-se assim a resposta positiva



de 20,1% dos profissionais espalhados pelo país.

Tabela 65 - Indicadores de saúde mental no trabalho na Região Sudeste (porcentagem válida)

Indicadores	Sim	Não
Você se sente estressada (o) no trabalho?	65,1%	34,9%
Você já foi diagnosticada (o) com estresse?	32,3%	68,7%
Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?	30%	70%
Você já foi diagnosticada (o) com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho?	17,3%	82,7%

O inquérito investigou ainda se os jornalistas são acometidos por Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e por Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), pois ambas são as doenças laborais que mais acometem os trabalhadores brasileiros (MACIEL, 2022). Na região Sudeste, apenas 17,6% dos respondentes afirmaram já ter sido acometidos por sintomas relativos a essas enfermidades (Tabela 66). Mas somente 7,4% dos jornalistas atuantes na região precisaram se licenciar do trabalho em razão destas doenças (Tabela 67).. Índices estes que não diferem muito do que foi observado a nível nacional.

Tabela 66 - Você já foi diagnosticada (o) com algum sintoma de LER/DORT?

Sim/ Não	Frequência	Porcentagem válida
Sim	78	17,6
Não	366	82,4
Total	444	100,0

Tabela 67 - Você já precisou pegar licença do trabalho por problemas de LER/DORT?

Sim/ Não	Frequência	Porcentagem válida
Sim	33	7,4
Não	411	92,6
Total	444	100,0

Esses indicadores de saúde mostram que os adoecimentos em razão do trabalho são uma realidade para os jornalistas situados na Região Sudeste, os quais podem estar diretamente associados com a densificação das jornadas de trabalho, afinal, conforme os dados da pesquisa, 75,7% dos profissionais trabalham mais que o contratado, ou seja, realizam horas extras de trabalho (TABELA 68).

TABELA 68 - É comum você trabalhar mais do que o contratado (fazer horas-extras)

Sim/Não	Frequência	Porcentagem válida
Sim	336	75,7
Não	108	24,3
Total	444	100,0

O aumento das jornadas de trabalho é regra no modelo de acumulação flexível, o qual é responsável também pelo agravamento dos adoecimentos laborais. Conforme Antunes (2018, p. 74):

A pressão pela capacidade imediata de resposta dos trabalhadores às demandas do mercado, cujas atividades passaram a ser ainda mais controladas e calculadas



em frações de segundos, assim como a obsessão dos gestores do capital por eliminar completamente os tempos mortos dos processos de trabalho, tem convertido, paulatinamente, o ambiente de trabalho em espaço de adoecimento.

O aumento da produtividade além de favorecer o aparecimento de enfermidades também pode colaborar para o acirramento das relações de poder nos ambientes de trabalho, fazendo do assédio moral uma estratégia de gestão no modelo de acumulação flexível do capital (ANTUNES, 2018). Sobre isso, o que os dados regionais sobre o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 nos permitem afirmar é que o ambiente de trabalho no jornalismo é violento, pois 41,9% dos profissionais que atuam no Sudeste afirmam já ter sofrido assédio moral e outros 53,8% já presenciaram alguma situação de assédio moral no trabalho contra um colega ou conhecido. A Tabela 69, apresenta um conjunto de indicadores de insegurança no trabalho avaliados.

O assédio sexual, um desdobramento do assédio moral que tende a incidir com mais incisividade contra as mulheres, foi vivido por 10,4% do total de profissionais da região. Por sua vez, 18,2% dos jornalistas desta amostra afirmaram já ter testemunhado alguma situação de assédio sexual no trabalho contra um colega ou conhecido. Contudo, esses não são os únicos comportamentos violentos registrados pela pesquisa.

No Sudeste, 32,2% dos jornalistas sofreram violência verbal no trabalho, enquanto apenas 2,3% do total de participantes da região foram vítimas de violência física no trabalho. Além disso, 30,4% dos jornalistas já sofreram ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho.

No que diz respeito às relações de trabalho, 43,5% dos profissionais localizados no Sudeste afirmam já ter sido constrangidos no trabalho por gestores ou superiores. O controle no trabalho assume assim diversas facetas, sendo moral e estratégico, pois 24,5% dos jornalistas garantem ter sofrido vigilância ou monitoramento digital por parte de seus superiores hierárquicos; 19,8% afirmam ter sido coagidos para realizar alguma atividade profissional e 33,8% dos respondentes deixaram de realizar alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação.

Apenas 7% dos jornalistas e das jornalistas do Sudeste já formalizaram algum tipo de

denúncia contra assédios, ameaças e/ou agressões e 2% dos familiares dos profissionais participantes da amostra regional já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho.

Tabela 69 - Indicadores de insegurança no trabalho (porcentagem válida)

Indicadores	Sim	Não
Você já sofreu assédio moral no trabalho?	41,9%	58,1%
Você já sofreu assédio sexual no trabalho?	10,4%	89,6%
Você já sofreu violência verbal no trabalho?	32,2%	67,8%
Você já foi agredida (o) fisicamente no trabalho ou em decorrência dele?	2,3%	97,7%
Você já sofreu ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho?	30,4%	69,6%
Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?	24,5%	75,5%
Você já foi constrangida (o) no trabalho por gestores ou superiores?	43,5%	56,5%
Você já realizou alguma atividade profissional sob algum tipo de coação?	19,8%	80,2%
Você já deixou de realizar alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação?	33,8%	66,2%
Você já formalizou denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão?	7%	93%
Seus familiares já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho?	2,5%	97,5%
Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega/conhecida(o)?	53,8%	46,2%



Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega/conhecida(o)?	18,2%	81,8%
--	-------	-------

Ao olhar para os dados contidos no relatório geral da pesquisa percebe-se uma ínfima diferença de valores entre os indicadores nacionais e os da região Sudeste, o que nos permite inferir que esta região espelha as violências laborais sofridas pelos jornalistas brasileiros.

5. Satisfação no trabalho, perspectivas de futuro, crença e religião

Ao serem questionados sobre satisfação com o seu trabalho atual (Tabelas 70) quanto às possibilidades de promoção, 26,6% dos respondentes do Sudeste declaram estar satisfeitos, enquanto 25,5% não estão nem satisfeitos, nem insatisfeitos. Já a porcentagem dos insatisfeitos é de 15,5, e dos que se declaram muito insatisfeitos, 11,7 pontos percentuais — no somatório dessas duas respostas, temos 27,2% de insatisfeitos.

Esses dados não divergem muito dos resultados nacionais, em que se registrou 26,7% de respondentes nem satisfeitos, nem insatisfeitos, bem como 25,3% de satisfeitos. Os insatisfeitos são, na amostragem nacional, 28% (16% de insatisfeitos e 12% de muito insatisfeitos).

Tabela 70 - Possibilidades de promoção

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	118	26,6
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	113	25,5
Insatisfeita(o)	69	15,5
Muito insatisfeita(o)	52	11,7
Muito satisfeita(o)	41	9,2
Não se aplica	51	11,5
Total	444	100%



Acerca da satisfação em realizar a atividade, a maior parte dos respondentes se diz satisfeita (47,3%), enquanto outros 17,6% estão muito satisfeitos — no somatório, são 64,9% de satisfeitos ou muito satisfeitos. Nacionalmente, esse índice é praticamente idêntico: 64,7%, com proporção semelhante de satisfeitos e muito satisfeitos. Já 18,9% não se consideram nem satisfeitos, nem insatisfeitos. Por sua vez, 11,3% estão insatisfeitos e outros 3,8% estão muito insatisfeitos (Tabela 71).

Tabela 71 - Funções de que realiza (tipo de trabalho)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	210	47,3
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	84	18,9
Muito satisfeita(o)	78	17,6
Insatisfeita(o)	50	11,3
Muito insatisfeita(o)	17	3,8
Não se aplica	5	1,1
Total	444	100%

Sobre a carga de trabalho que cumprem (Tabela 72), os respondentes sudestinos demonstram estar, em sua maioria, satisfeitos. São 35,8% de satisfeitos e 7,9% de muito satisfeitos (43,7% na soma). No plano nacional, esse índice é de 45,8%. Já os insatisfeitos com a carga horária são 29%: 21,6% se dizem insatisfeitos e outros 7,4% muito insatisfeitos. Por sua vez, 25,9% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos, três pontos percentuais a mais do que o aferido na amostra nacional (22,9%).

Tabela 72 - Carga de trabalho

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	159	35,8
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	115	25,9
Insatisfeita(o)	96	21,6
Muito satisfeita(o)	35	7,9
Muito insatisfeita(o)	33	7,4
Não se aplica	6	1,4
Total	444	100%

A intensidade da rotina de trabalho foi objeto de outra pergunta nesta pesquisa (Tabela 73). O índice de satisfação entre os respondentes do Sudeste, relativamente a esse quesito, é de 42,2%, considerando os satisfeitos (36,3%) e os muito satisfeitos (5,9%). Nacionalmente, o Perfil indicou 40,7% de satisfeitos e muito satisfeitos.

Não é irrelevante, contudo, a insatisfação com a intensidade da rotina, expressa por 32,7% dos respondentes (23% de insatisfeitos e 9,7% de muito insatisfeitos). Esse dado nos leva a crer que os impactos da pandemia da Covid-19 ainda se fazem presentes na rotina dos jornalistas. Nesse sentido, as pesquisas do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) sobre a atividade dos comunicadores durante a pandemia (FÍGARO et al, 2020; FÍGARO et al, 2021) detectaram esse aumento da intensidade na rotina laboral, dentre outros problemas oriundos, por exemplo, da adoção do teletrabalho e do decorrente afrouxamento das fronteiras entre os espaços de trabalho e domésticos.



Pode-se inferir que, transcorrido o período da pandemia, uma quantidade relevante de trabalhadores segue vivenciando uma rotina de trabalho intensa, capaz de gerar sentimento de insatisfação. Isso pode se dar, entre outros fatores, pela permanência de altas demandas de trabalho num cenário de redução de pessoal e acúmulo de tarefas — algo que não cessou no pós-pandemia. Esse dado parece se relacionar, de algum modo, com os indicadores de saúde mental apresentados neste relatório, que apontam uma quantidade alarmante de jornalistas acometidos por estresse e outros adoecimentos.

Ainda acerca da intensidade da rotina, 24,1% dos respondentes se declaram nem satisfeitos nem insatisfeitos.

Tabela 73 - Intensidade da rotina

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	161	36,3
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	107	24,1
Insatisfeita(o)	102	23
Muito satisfeita(o)	43	9,7
Muito insatisfeita(o)	26	5,9
Não se aplica	5	1,1
Total	444	100%

Em relação à jornada laboral (Tabela 74), 42,1% declaram estar satisfeita (34,9% de satisfeitos e 7,2% de muito satisfeitos). Já os insatisfeitos somam 30,4% (21,8% de insatisfeitos e 8,6% de muito insatisfeitos). Por sua vez, aqueles que se declaram nem satisfeitos nem insatisfeitos são 24,5%. Esse padrão de respostas se assemelha às demais perguntas do

bloco e também se assemelha com os resultados nacionais, em que 44,9% se consideram satisfeitos (36,8% satisfeitos e 8,1% muito satisfeitos), ante 30% que se consideram insatisfeitos (21,8% insatisfeitos e 8,2% muito insatisfeitos).

Tabela 74 - Jornada laboral (horas trabalhadas/escala)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	155	34,9
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	109	24,5
Insatisfeita(o)	97	21,8
Muito insatisfeita(o)	38	8,6
Muito satisfeita(o)	32	7,2
Não se aplica	13	2,9
Total	444	100%

A prevalente insatisfação com a remuneração na região Sudeste ecoa os dados da amostra nacional do Perfil. Na região, os jornalistas insatisfeitos somam 46,4% (29,7% de insatisfeitos e 16,7% de muito insatisfeitos), dado próximo ao aferido no plano nacional (29,4% insatisfeitos e 15,8% muito insatisfeitos). Por sua vez, os satisfeitos no plano nacional totalizam 32,5%, enquanto no Sudeste são 32,6% (25,2% de satisfeitos e 7,4% de muito satisfeitos). Já os nem satisfeitos nem insatisfeitos são 20,3% (Tabela 75).



Tabela 75 - Remuneração

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita(o)	132	29,7
Satisfeita(o)	112	25,2
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	90	20,3
Muito insatisfeita(o)	74	16,7
Muito satisfeita(o)	33	7,4
Não se aplica	3	0,7
Total	444	100%

Quanto à satisfação em relação a outros benefícios não salariais que recebiam, expressivos 44,4% dos jornalistas disseram não estar satisfeitos (23,9% insatisfeitos e 20,5% muito insatisfeitos). No plano nacional, esse somatório é de 42,1%. Já 28,1% estavam satisfeitos (20,9% satisfeitos e 7,2% muito satisfeitos), ante idênticos 28% na pesquisa nacional. Por sua vez, 15,8% não estavam nem satisfeitos nem insatisfeitos (Tabela 76).

Tabela 76 - Outros benefícios não salariais

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Insatisfeita(o)	106	23,9
Satisfeita(o)	93	20,9



Muito insatisfeita(o)	91	20,5
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	70	15,8
Muito satisfeita(o)	32	7,2
Não se aplica	52	11,7
Total	444	100%

A satisfação com as relações interpessoais no trabalho foi objeto de outra pergunta. Nesse quesito, a ampla maioria dos respondentes (68,2%) declara estar satisfeito — 47,3% se dizem satisfeitos e 20,9% se dizem muito satisfeitos. Esse índice é um pouco maior que o registrado nacionalmente, de 64,5%. Já o índice de jornalistas insatisfeitos é de apenas 11,3% (7,9% de insatisfeitos e 3,4% de muito insatisfeitos). Chega a 18,9% o índice de jornalistas sudestinos nem satisfeitos nem insatisfeitos nesse quesito (Tabela 77).

Tabela 77 - Relações interpessoais no trabalho

Indicadores	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	210	47,3
Muito satisfeita(o)	93	20,9
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	84	18,9
Insatisfeita(o)	35	7,9
Muito insatisfeita(o)	15	3,4



Não se aplica	7	1,6
Total	444	100%

Acerca da experiência profissional, 80,7% dos respondentes declaram estar satisfeitos (48,9% de satisfeitos e 30,9% de muito satisfeitos). O somatório é muito semelhante ao registrado no plano nacional, em que 80,5% dos respondentes se dizem satisfeito ou muito satisfeito. Por outro lado, 12,2% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos, e apenas 7% dizem não estar satisfeitos (5,6% insatisfeitos e 1,4% muito insatisfeitos) (Tabela 78).

Como pontuado no relatório nacional, que trouxe dados muito semelhantes, apesar do contexto histórico contemporâneo, os jornalistas estão satisfeitos em relação ao exercício de sua atividade. Isso pode ser atribuído, por exemplo, à missão social e aos laços relacionais assumidos pelos profissionais a despeito de condições de trabalho desfavoráveis.

Tabela 78 - Experiência profissional

Indicadores	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	221	49,8
Muito satisfeita(o)	137	30,9
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	54	12,2
Insatisfeita(o)	25	5,6
Muito insatisfeita(o)	6	1,4
Não se aplica	1	0,2
Total	444	100%

No que se refere à especialidade profissional do jornalista (Tabela 79), no exercício de sua função, 65,8% se consideram satisfeitos (39,9% satisfeitos e 25,9% muito satisfeitos). Nacionalmente, esse índice é de 63,6%. Por sua vez, 17,6% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos, ante 19,5% do Perfil nacional. Somente 12,9% disseram não estar satisfeitos (8,6% insatisfeitos e 4,3% muito insatisfeitos).

Tabela 79 - Linha editorial ou segmento de atuação

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	177	39,9
Muito satisfeita(o)	115	25,9
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	78	17,6
Insatisfeita(o)	38	8,6
Muito insatisfeita(o)	17	3,8
Não se aplica	1	0,2
Total	444	100%

No que se refere à satisfação com os princípios e valores da empresa/organização em que trabalham, os jornalistas do Sudeste se alinham ao aferido na pesquisa nacional: na região, 59,5% se declaram satisfeitos com esse aspecto (sendo 35,6% satisfeitos e 23,9% muito satisfeitos), ante 57,3% de satisfeitos e muito satisfeitos no plano nacional. Já 20,7% não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos — nacionalmente esse índice se eleva a 22,7%. Por fim, 16,2% se consideram insatisfeitos (9,7% insatisfeitos e 6,5% muito insatisfeitos) (Tabela 80).



Tabela 80 - Princípios e valores da empresa/organização

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	158	35,6
Muito satisfeita(o)	106	23,9
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	92	20,7
Insatisfeita(o)	43	9,7
Muito insatisfeita(o)	29	6,5
Não se aplica	16	3,6
Total	444	100%

Em que pesem as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas brasileiros, como a já mencionada insatisfação acerca da remuneração, a maior parte dos respondentes do Sudeste declara estar satisfeito com o prestígio social da profissão (Tabela 81). Chega a 57,5% o índice de respondentes que se declara satisfeito nesse quesito (40,8% de satisfeitos e 16,7% de muito satisfeitos). No plano nacional, são 53,7% de satisfeitos e muito satisfeitos.

Contudo, é relevante a quantidade daqueles que não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos: 27,3% no Sudeste e 29,9% no Brasil. Já os insatisfeitos são 12,4% (7,2% de insatisfeitos e 5,2% de muito insatisfeitos).

Tabela 81 - Prestígio social

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	181	40,8
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	121	27,3
Muito satisfeita(o)	74	16,7
Insatisfeita(o)	32	7,2
Muito insatisfeita(o)	23	5,2
Não se aplica	13	2,9
Total	444	100%

Em relação ao poder de sua atividade “como jornalista” influenciar em assuntos públicos (Tabela 82), 41,7% dos respondentes do Sudeste disseram que é satisfatória sua influência e 15,3% sentem ser muito satisfatória (totalizando 57% de satisfeitos). Já aqueles que se declaram nem satisfeitos nem insatisfeitos são 24,1%, e outros 14% estão insatisfeitos com a influência que a atividade exerce em assuntos públicos (10,4% insatisfeitos e 3,6% muito insatisfeitos).

No plano nacional, os dados são convergentes com os do Sudeste. 54,7% estão satisfeitos e muito satisfeitos com o poder de sua atividade como jornalista influenciar em assuntos públicos, enquanto 13,6% estão insatisfeitos ou muito insatisfeitos.



Tabela 82 - Possibilidade de influenciar em assuntos públicos

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	185	41,7
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	107	24,1
Muito satisfeita(o)	68	15,3
Insatisfeita(o)	46	10,4
Muito insatisfeita(o)	16	3,6
Não se aplica	22	5,0
Total	444	100%

As possibilidades de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional foram objeto de outra questão (Tabela 83). Em relação a isso, os dados do Sudeste indicam que 28,6% dos respondentes estão satisfeitos, enquanto 13,1% estão muito satisfeitos — na soma, temos 41,7% satisfeitos. Nacionalmente, 42,1% se dizem satisfeitos (30,3% satisfeitos e 11,8% muito satisfeitos). Por sua vez, os insatisfeitos em relação às oportunidades de aprimoramento profissional chegam a 23% (15,8% de insatisfeitos e 7,2% de muito insatisfeitos). Nacionalmente estes são 24,3%. Assim como no plano nacional, a quantidade de insatisfeitos é relevante e pode apontar para falta de tempo, de acesso, exaustão ou pouco incentivo das empresas e instituições para a formação continuada. Já aqueles que não estão nem satisfeitos nem insatisfeitos são 26,6% no Sudeste

Tabela 83- Possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	127	28,6
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	118	26,6
Insatisfeita(o)	70	15,8
Muito satisfeita(o)	58	13,1
Muito insatisfeita(o)	32	7,2
Não se aplica	39	8,8
Total	444	100%

Quando o assunto é a qualidade de vida em relação ao trabalho atual (Tabela 84), 38,1% dos jornalistas do Sudeste se declaram satisfeitos, e outros 8,6% muito satisfeitos — no somatório, são 46,7% de profissionais satisfeitos nesse quesito, ante 45% no plano nacional. Outros 27,7% se declaram insatisfeitos, considerando a soma dos 19,8% insatisfeitos e dos 7,9% muito insatisfeitos. Por sua vez, 24,5% dos respondentes se dizem nem satisfeitos nem insatisfeitos.

Assim como observado no plano nacional, esses dados parecem confirmar que a insatisfação com a remuneração e outros benefícios financeiros impactam na percepção da qualidade de vida de parte significativa dos profissionais.



Tabela 84 - Qualidade de vida

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Satisfeita(o)	169	38,1
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	109	24,5
Insatisfeita(o)	88	19,8
Muito satisfeita(o)	38	8,6
Muito insatisfeita(o)	35	7,9
Não se aplica	5	1,1
Total	444	100%

Quando se trata de discutir o futuro profissional (Tabela 85), considerando uma perspectiva temporal mais curta (um a dois anos), o desejo majoritário dos respondentes do Sudeste é indicar que deseja permanecer na mesma organização. Enquanto 26,8% declaram desejar prosseguir na mesma organização e obter uma promoção, 24,3% afirmam desejar permanecer na mesma organização e cumprir as mesmas funções. São 51,1% de respondentes, portanto, que desejam se manter onde estão. Esse dado parece indicar um receio por mobilidade profissional que talvez se explique pela escassez de vagas qualificadas no campo jornalístico, seja na mídia empresarial, seja em postos públicos. Uma suposição que se reforça pelos 16% que, no Sudeste, manifestam pretender ingressar numa organização de maior porte — uma escolha provavelmente motivada por segurança, maior estabilidade e benefícios.

No plano nacional, o projeto de futuro na carreira mais comum é permanecer na

mesma organização e cumprir as mesmas funções, com 28,2% das respostas, enquanto obter uma promoção na mesma organização é o desejo manifesto por 22,1% dos respondentes. Não é insignificante a quantidade de jornalistas que pretende mudar para uma área fora do jornalismo. No Sudeste, são 8,6% declaram ter esse plano para suas carreiras (nacionalmente são 8,9%). Certamente, neste grupo, incluem-se profissionais insatisfeitos com um ou mais aspectos.

A carreira pública, foi a alternativa apontada por 5,9% dos respondentes — 3,6% desejam se tornar docentes e 2,3% técnicos. Outros 5,2% declaram querer deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada(o), o que parece indicar uma busca por vínculos mais estáveis e menos precários. Por fim, 4,1% pretendem se aposentar em breve (Tabela 85).

Tabela 85 - Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Seguir na organização que estou e ser promovida (o)	119	26,8
Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço	108	24,3
Entrar em uma organização de maior porte	71	16,0
Deixar a carreira atual e atuar em funções não- jornalísticas	38	8,6
Deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada (o)	23	5,2
Pretendo me aposentar em breve	18	4,1



Ingressar na carreira pública como docente	16	3,6
Deixar a carreira atual e atuar como docente	16	3,6
Deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas	10	2,3
Outro. Qual?	25	5,6
Total	444	100%

Solicitados a detalhar a escolha pela alternativa "Outro. Qual?" como resposta a essa pergunta, boa parte dos 25 jornalistas — 16, ou 64% — indicaram o desejo de diversificar sua atuação dentro da profissão. Já cinco profissionais manifestam o interesse em empreender, enquanto apenas um revela desejar sair da profissão. A Tabela 86, a seguir, mostra uma síntese das respostas desse grupo.

Tabela 86 - Outro. Qual?

Objetivo geral	Descrições
Empreender	<p>Abrir minha própria assessoria de imprensa.</p> <p>Continuar tocando minha própria empresa.</p> <p>Eu gostaria de entrar na carreira publica docente, mas os concursos nunca aceitam a interdisciplinariedade da minha formação. Então, meu plano é abrir um novo negócio em paralelo com a minha atividade MeI.</p> <p>Projeto próprio no Jornalismo</p> <p>Seguir com minha agência</p>



<p>Diversificar</p>	<p>Atuar em outras áreas, sem abrir mão desse trabalho, se isso se mostrar possível. Como empresária e jornalista - mais captação de novos clientes em outras áreas, além da médica.</p> <p>CONTINUAR A CARREIRA EM OUTRA INSTITUIÇÃO</p> <p>Crescer cada vez mais de forma independente, auxiliando a sociedade nos mais diversos ramos.</p> <p>Deixar a organização e ser freelancer.</p> <p>Deixar carreira atual e atuar como foto jornalista.</p> <p>fazer um documentário.</p> <p>Investir meu tempo na carreira sindical.</p> <p>Ir para outra organização nas funções que eu exerço.</p> <p>Mudar de organização, não necessariamente de maior porte.</p> <p>mudar de trabalho e manter jornalismo.</p> <p>Outra empresa.</p> <p>Permanecer na organização com função diferente.</p> <p>Prosseguir no meu trabalho independente.</p> <p>Quero ter sucesso em projeto pessoal ligado ao jornalismo online e a causa do envelhecimento e longevidade.</p> <p>Ter maior demanda de trabalho, como era no pré-pandemia.</p>
<p>Sair da profissão</p>	<p>Trabalhar com comunicação de interesse público, em apoio a movimentos sociais ou entidades populares.</p>
<p>Outras respostas</p>	<p>Ainda não sei.</p> <p>Como já relatei, sou jornalista aposentada (por mais de 30 anos na reportagem e cerca de 5 em ambiente corporativo). Considerarei, nas respostas, freelancer pontual que acabo de fazer, com reportagem. Não tenho um projeto definido para esse futuro imediato.</p> <p>Nessa pandemia e com o volume de trabalho imposto, não consegui ainda pensar nisso.</p>



5.1 Crença e religião

A religião é um elemento cultural muito presente no cotidiano brasileiro e torna-se também uma mediação no mundo do trabalho (Tabela 87). Entre os jornalistas situados na região Sudeste, 52,7% declararam ser adeptos de alguma fé, religião ou crença; 18,7% de profissionais deste grupo não professam nenhuma religião, fé ou crença, considerando-se ateus e outros 28,6% se identificam como agnósticos.

Os dados regionais aproximam-se dos indicadores nacionais, cujos percentuais válidos são de 57,7% de adeptos a religiões, fé ou crença; 26% de pessoas declaradas agnósticas e 16,3% de ateus.

TABELA 87 - Você é adepta (o) a alguma fé, religião ou culto?

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Sim. Qual (is)?	234	52,7
Não, sou ateu/ateia	83	18,7
Não, sou agnóstico/agnóstica	127	28,6
Total	444	100,0

Entre as religiões, fés e crenças professadas pelos 52,7% do jornalistas do Sudeste que especificaram em que acreditam, observa-se a prevalência do Catolicismo, com 112 respostas; na sequência, tem-se 10,6% das pessoas se reconhecendo como espíritas; 8,5% se identificando apenas como cristãs; outras 29% como praticantes de religiões de matrizes africanas e 6% dos respondentes se denominando evangélicos. É interessante destacar o sincretismo religioso observado nas respostas daqueles que se identificam com mais de uma religião, fé ou crença, no total, 5,5% das pessoas atendem a esse perfil (Tabela 88).



Tabela 88 - Quais religiões, fé ou crenças os jornalistas professam

Religião	Frequência
Catolicismo	112
Espiritismo	25
Cristianismo	20
Religiões de Matrizes Africanas	21
Evangélicos	14
Protestantismo	09
Budismo	06



6. Características políticas e de engajamento do e da jornalista da região sudeste

Como podemos aferir na Tabela 89, 73% dos participantes não têm filiação e 27% é filiado a algum tipo de sindicato. A amostragem regional corrobora com os números da pesquisa nacional. Esse dado tem oscilado nos últimos anos visto que na primeira edição Perfil do Jornalista Brasileiro, realizada em 2012 (MICK, LIMA, 2013), 25,2% afirmaram ter filiação sindical, já na edição do Perfil de 2021 (LIMA, 2022) 31,4% de respondentes afirmaram ter filiação sindical.

Tabela 89 - Você é filiada (o) a algum sindicato?

Sim/ Não	Frequência	Porcentagem válida
Sim	120	27.0
Não	324	73.0
Total	444	100.0

Quando questionado a qual sindicato o respondente é associado, a maioria, 89,2% dos profissionais, diz estar filiado ao Sindicato de Jornalistas, sendo outros 10,5% filiado a sindicato de outra categoria e 7,5% ao sindicato dos professores (Tabela 90). Outros sindicatos como o de funcionários públicos, ou de servidores municipais, ou de servidores estaduais; de publicitários; de radialistas e sindicatos de telecomunicações, que compõem um grupo de "Outros. Qual" em um conjunto de 12 resposta (Tabela 91).

Tabela 90 - A qual (is) sindicato você é filiada (o)? Sindicato de jornalistas

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Sindicato de jornalistas	107	89.2



Sindicato de professores	9	7.5
Sindicato de outra categoria. Qual?	13	10.8
Total de respondentes válidos	120	100.0
Total de respostas	129	

Tabela 91 – Outro. Qual?

Outro sindicato	Frequência
	503
Abc publica	1
Asprofili	1
Funcionários Públicos	1
Municipários	1
Publicitários	1
Radialistas	2
SEIBREF	1
Servidores Municipais	1
Servidores Públicos	1
Servidores técnico-administrativos da instituição em que trabalho	1
Sindalemg	1
Sindicato de Telecomunicações	1

Quando questionada ou questionado sobre o motivo de não ser filiada ou filiado ao sindicato, 42,3% de respondentes disseram não ter interesse; 21% afirmam que o sindicato



não responde às demandas específicas da sua área de atuação; 17,9% não conhecem o sindicato; 7,1% responderam que a diretoria não representa a categoria e 3,1% que ela dificulta a sindicalização (Tabela 92).

Os dados evidenciam um desafio para a categoria a curto, médio e longo prazo, visto que as principais conquistas para os e as jornalistas derivam de negociações coletivas cujas legislações resguardam o papel dos sindicatos como porta-vozes e organizadores das pautas de reivindicações.

As hipóteses para a falta de interesse e de conhecimento do sindicato são variadas e vão desde o poder das empresas e sindicatos patronais na disputa pelo sentido de coletividade no espaço de trabalho até o engessamento dos sindicatos que, em cenário marcado pela plataformização das comunicações e do trabalho, ainda atuam como se estivessem no modelo fordista de produção, com estruturas hierarquizadas e verticalizadas em meio às mudanças do modo de organização do mundo trabalho do jornalista. Outra hipótese ainda se deve ao fato de que os jornalistas estão muito mais "espalhados" em inúmeras médias e pequenas empresas e não somente naquelas consideradas tradicionais, *mainstream* que são os alvos principais da atividade sindical. A falta de aproximação com estudantes e jovens profissionais, por parte dos sindicatos, também colabora para a falta de identificação desses jornalistas com entidades de classe. O fator financeiro também contribui para a não adesão sindical, como se vê no conjunto de respostas da Tabela 91.

Tabela 92 - Por que você não é filiada (o) ao sindicato da sua categoria?

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Não tenho interesse	137	42.3
Não conheço o sindicato	58	17.9
Não existe sindicato para minha categoria	4	1.2
Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação	68	21.0
Diretoria do sindicato não representa a categoria	23	7.1



Diretoria dificulta sindicalização	10	3.1
Outra (s) razão (ões). Qual (is)?	66	20.4
Total respondentes válidos	324	100.0

As respostas que apontam outras razões correspondem a 20,4%. Foi solicitado que os respondentes indicassem quais são os motivos que os afastam do sindicato e os dividimos em três categorias, sendo elas: 1) Dificuldades por parte dos sindicatos para efetivar a sindicalização e dificuldades financeiras para pagar a mensalidade; 2) Baixa representatividade dos sindicatos e problemas de gestão; e 3) Processo futuro de sindicalização (Tabela 93).

Na categoria 1, alguns respondentes registraram dificuldades no contato com o sindicato para efetivar a sindicalização, expressa na frase: *"Fiz o contato para filiação, mas não houve retorno"* ou que falta uma busca ativa por novos da parte dos sindicatos, como podemos observar na resposta *"também não existe por parte do sindicato uma campanha de adesão de novos servidores"*. Ainda nesta primeira categoria, a dificuldade financeira para arcar com a mensalidade foi uma resposta frequente como a que fala que *"a taxa do sindicato é alta em relação ao salário"* ou por *"financeiro insuficiente"*.

Na categoria 2, baixa representatividade dos sindicatos, podemos observar que há reclamações desde perdas de processos como a do relato que diz: *"Recorri ao sindicato em uma ação judicial e, por erro crasso da advogada, deixei de receber valor maior de indenização"*. Outras questões como a falta de transparência ou de iniciativas; falta de atuação além das grandes empresas; e também falta de sentido sobre o trabalho do sindicato, como podemos observar na resposta que afirma que *"Não vejo atuação significativa do sindicato e é mais um valor mensal a ser gasto"*; ou que há falta de representatividade para uma nova geração como podemos verificar na resposta *"O sindicato dialoga pouco com as demandas da minha geração"* ou ainda que *"só atuam para funcionários de veículos"*.

Na categoria 3, os respondentes afirmaram que estão em processo de se filiar ou ainda de retorno para o sindicato porque deixaram de pagar, mas prometem resolver em breve, como podemos observar na resposta que diz *"Tenho planos de me sindicalizar, ainda a serem efetivados."*



Tabela 93 - Outro motivo. Qual?

Categoria	Respostas
<p>Dificuldades por parte dos Sindicatos para efetivar a sindicalização e Dificuldades financeiras</p>	<p>A taxa do sindicato é alta em relação ao salário./ Custo/ Difícil se filiar. Parei de pagar quando sai de um emprego e nunca mais retornei/ Dificuldades burocráticas/ Dinheiro curto/ Distância do sindicato/ econômicas/ Enrolei para me filiar/ Era sindicalizada, acabei deixando de pagar, pretendo voltar/ Estou em procedimento de filiação/ Financeiro insuficiente/ fiz o contato para filiação, mas não houve retorno/ Fui mal atendida no sindicato e desisti/ Já fui sindicalizada, preciso apenas regularizar novamente minha situação/ Simplesmente não aconteceu. Também não existe por parte do sindicato uma campanha de adesão de novos servidores./ Não tenho vínculo nem renda para pagar o sindicato/ Parei de contribuir por motivos financeiros no passado, devo retomar. Pelo valor e pela falta de representatividade. Só atuam para funcionários de veículos/ Razão financeira/ valor alto da mensalidade/ Difícil se filiar./ Já fui. Após última demissão, parei de pagar.</p>
<p>Baixa representatividades dos sindicatos e problemas de gestão</p>	<p>Acho que a atuação do sindicato é inócua ao patronato/ Acompanho pouco o trabalho do sindicato/ Categoria desunida e perdida, ao tentar articular soluções de um modo geral. Não existe planejamento eficaz. um/ Certa preguiça, talvez/ Contribuo com o sindicato, mas não concordo com algumas posições da direção e ainda não me envolvi o suficiente/ Falta de acompanhamento das pautas/ Há muito tempo fui filiada, mas não tinha nenhuma utilidade prática/ Já fui sindicalizada e o sindicato não me deu a mínima quando eu precisei. Gestão do Fred/ Já fui sindicalizado qdo. trabalhei em grandes corporações</p>



	<p>de imprensa. Como trabalho há muitos anos como freelancer, fica muito difícil o sindicato me representar pq a minha relação virou fornecedor-cliente e deixou de ser patrão e empregado. Os clientes não aceitam os valores sugeridos pelo sindicato para os trabalhos de freelancer. Ou seja, virou uma negociação de mercado./ Já trabalhei em grandes empresas jornalísticas onde vi muitos jornalistas serem explorados e o sindicato não fazer nada a respeito. Então, decidi deixar de ser sindicalizado, porque o Sindicato não tem atuação que justifique./ Muito política e pouco profissional/ Não me sinto contemplada com demandas macro./ Não procurei saber mais a fundo e não vejo atuação relevante do grupo/ Não tenho resposta para essa pergunta. Simplesmente não aconteceu. Também não existe por parte do sindicato uma campanha de adesão de novos servidores./ Não vejo atuação significativa do sindicato e é mais um valor mensal a ser gasto/ Nunca fui incentivado a fazer isso e acabei deixando passar/ O retorno é muito limitado/ O sindicato dialoga pouco com as demandas da minha geração/ Pelo valor e pela falta de representatividade. Só atuam para funcionários de veículos./ Perderam o fio da história/ Por questões de valores / ideológicas/ Recorri ao sindicato em uma ação judicial e, por erro crasso da advogada, fui deixei de receber valor maior de indenização/ Sindicato NUNCA foi transparente, tampouco defendeu as causas dos jornalistas da forma como de fato deveria defender. Histórico ininterrupto de peleguismo ou de fraqueza</p>
<p>Processo futuro de sindicalização</p>	<p>Tenho planos de me sindicalizar, ainda a serem efetivados/ Tenho planos de me sindicalizar, ainda a serem efetivados/ Sou estudante/ Sem motivo fixo./ pretendo me filiar em breve/ preciso MTB/ Preciso me sindicalizar/ Nunca foi exigência/ Não tive oportunidade, mas pretendo me filiar/ Não corri atrás disso antes/ Já fui sindicalizada, preciso apenas regularizar novamente</p>



	<p>minha situação/ Fiquei um tempo fora do jornalismo, mas vou voltar me sindicalizar/ Falta de vergonha na minha cara/ Estou em procedimento de filiação/ Enrolei para me filiar./ Em processo de filiação/ Desleixo/ Ainda não vi essa questão, sou recém-formada/ Ainda não tive tempo.</p>
--	--

Sobre a filiação em partidos políticos (Tabelas 94 e 95), a grande maioria dos jornalistas do Sudeste não tem relação formal com esse tipo de associação, sendo que 91,8% responderam que não são filiadas ou filiados. O partido que é mais citado entre os respondentes da região sudeste é o Partido dos Trabalhadores (PT) com 5,3%; depois dele, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com 1,6%.

Nesta questão, há diferentes hipóteses. Uma delas é o rebaixamento da democracia no contexto atual do capitalismo e, conseqüentemente, a minimização dos instrumentos das formas institucionais da política, como os partidos. Outra conjectura é a implicação do mito da imparcialidade dos jornalistas para exercer a sua profissão com o distanciamento visto como necessário para uma deontologia clássica da área.

Tabela 94 - Você é filiada (o) a algum partido político? Se sim, indique qual

Partido	Frequência	Porcentagem válida
Não sou filiada (o) a partido político	401	91.8
DEM	1	0.2
PODE	1	0.2
PSB	1	0.2
PSOL	7	1.6
PT	23	5.3
Total	437	100.0
Outro. Qual?	3	0.7

Tabela 95 – Outro Partido Político

Outro	Frequência
Consulta Popular	2
Militante PT, sem filiação	1

Embora a filiação aos partidos políticos seja pequena como vimos anteriormente, 55,4% dos respondentes afirmam que sua posição ideológica é de esquerda; 25,2% se apresentam como centro-esquerda; 7,8% não quiseram informar; e 4,1% disseram se considerar de centro (Tabela 96).

Podemos aferir que os ideais de esquerda estão próximos do anseio do jornalista que escolhe a profissão para melhorar o mundo, estimular empatias, buscar verossimilhança e fazer diferença na realidade social em que está inserido. O que não significa que para conseguir fazer esse exercício ele precise estar vinculado a algum partido, visto que pretende realizar sua visão de mundo através do jornalismo. Outro aspecto a considerar, diz respeito a conjuntura política, especialmente durante o governo de extrema direita – 2018 a 2022 –, que foi marcado pela escalada da violência contra jornalistas (FENAJ, 2022) e esse ambiente hostil reflete no reconhecimento ideológico dos profissionais com os valores da esquerda.

Tabela 96 - Como você define seu posicionamento ideológico?

Posicionamento ideológico	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	7	1.6
Centro	18	4.1
Centro-direita	11	2.5
Centro-esquerda	110	25.2
Direita	7	1.6
Esquerda	242	55.4



Extrema esquerda	8	1.8
Não quero informar	34	7.8
Total	437	100.0

Ainda sobre a atuação em associações ou organizações sociais, o engajamento dos profissionais da região Sudeste é 5,5% acima do índice nacional. Na região, 46,3% dos jornalistas disseram que atuam em áreas diversas como associações patronais ou profissionais, assistência social, cultura e recreação, desenvolvimento e defesa de direitos, educação e pesquisa, meio ambiente, proteção animal, religião, saúde e outros segmentos, como podemos ver o percentual de cada área na tabela abaixo. Entretanto, 38% disseram que nunca atuou; 33% não atuam, mas já atuaram (Tabela 97).

Tabela 97 - Você atua em algum tipo de associação ou organização social?

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Não atuo, mas já atuei	144	33.0
Nunca atuei	166	38.0
Sim, Assistência social	16	3.7
Sim, Associações patronais e/ou profissionais	18	4.1
Sim, Cultura e recreação	24	5.5
Sim, Desenvolvimento e defesa de direitos	31	7.1
Sim, Educação e pesquisa	32	7.3
Sim, Meio ambiente	16	3.7
Sim, Proteção animal	13	3.0
Sim, Religião	24	5.5
Sim, Saúde	7	1.6



Sim, em outro segmento. Qual?	21	4.8
Total de respondentes válidos	437	100.0

7. Qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos

As questões analisadas a seguir compuseram um conjunto de complementar da pesquisa e tiveram a participação de 79,4% de profissionais jornalistas da região Sudeste, que se dispuseram a responder as questões sobre qualidade de vida e precarização no trabalho, além de valores éticos.

A Tabela 96 apresenta elementos sobre a vida pessoal dos jornalistas do Sudeste: 49,2% moram sozinhos e 50,8% declararam ter parceiro/parceira. A Tabela 98 apresenta as informações sobre a profissão da companheira ou companheiro dos jornalistas.

TABELA 98 – Se você for casada (o) ou vive com companheiro (a), indique a profissão dele (a):

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):	160	50,8
Vivo sozinho (o)	155	49,2
Total	315	100,0

A codificação dos dados qualitativos sobre a ocupação dos companheiros, ou companheiras, dos jornalistas, considerou seis categorias de agrupamentos: (a) a) no jornalismo (inclui os status de assessor de imprensa, jornalista, docente de jornalismo, fotojornalista); b) em áreas vizinhas ao jornalismo, no campo da comunicação e cultura (audiovisual, comunicação, design, marketing, publicidade, relações públicas, atuação em mídias sociais etc.); c) em outras profissões ou ocupações de ensino superior; d) em profissões ou ocupações



sem ensino superior; e) como empresários ou gestores; e f) em outras áreas de difícil classificação ou estão desempregados (Tabela 99).

Tabela 99 – Ocupação das companheiras e dos companheiros

Categoria	Respostas	Frequência
Jornalismo	Jornalista (27), Âncora/TV (1), Jornalista/Fotógrafo (1), Docente em Jornalismo (1), Assessoria de Comunicação (1)	31
Áreas vizinhas ao Jornalismo, no campo da comunicação e cultura	Comunicação (4), Design/Design Gráfico (2), Marketing (1), Mídias Sociais (1), Publicitário (1)	14
Outras profissões ou ocupações de ensino superior	Docente/Acadêmico/Educação/Pedagoga/Professor (a)/Pesquisador (18), Advogado/Direito (6), Arquiteto (1), Assessor Político/Secretariado (3), Assistente Social (1), Auditor (3), Dentista/ Enfermagem/ Médico/Médico Veterinário Farmacêutico/Fonoaudióloga/Nutrição (9), Engenheiro/Engenharia Geológica/Civil/Elétrica/Engenheiro especializado em logística/Técnico em Segurança do Trabalho (9), Estatístico/Geografa/Químico/Moda (4), Psicóloga/Psicoterapeuta (5), Desenvolvimento de Software/TI/Tecnologia/Tecnologia da Informação (6);	65
Outras opções ou ocupações sem ensino superior	Atendimento à cliente (1); Chefe de cozinha/gastronômica/gastrônoma/confeitaria (5); Comerciante/Representante comercial/ Vendas/Corretor (5); Metalúrgico (2); Serviços do lar (1); Técnica de enfermagem (1); Técnica de Radiologia (1); Informática (1); Logística (1); Fotógrafo (1); Cuidadora/Cuidadora de idosos (2); Contabilidade (1); Auxiliar administrativo (2); Bancário/Financeiro (3);	27

Empresários ou Gestores	Administração/administrador (3), Empresário/Empresária (4); Gerente comercial (1); Gestão de espaço cultural (1)	9
Outras áreas de difícil classificação ou desempregados	Aposentada/aposentado (3); Autônomo (1); Desempregado (3); Funcionário público (2); Músico/Produtor/ Produtor Cultural/ Artesã (6);	15

Como é possível observar pelas descrições das atividades profissionais das e dos cônjuges, a maior parte dos jornalistas se relaciona com pessoas que possuem formação superior (68%) em diferentes áreas de formação. Dentre os respondentes, 27,9% declararam viver com pessoas que também são jornalistas, ou trabalham com jornalismo, e 8,7% vivem com pessoas que trabalham com atividades no campo da comunicação e em áreas afins.

A análise das respostas abertas permite observar que, assim como se viu na análise macro do relatório nacional sobre o perfil dos jornalistas brasileiros, quase um terço dos respondentes vive com outra pessoa que trabalha com jornalismo.

Com o objetivo de conhecer as condições de trabalho e identificar situações de precarização do trabalho, usando o método de mensuração de escala, as questões a seguir descritas foram submetidas às/aos respondentes. O enunciado solicitava que os jornalistas avaliassem as circunstâncias em que realizavam seu trabalho principal. Foram 14 indicativos (Tabelas 100.1 a 100.14), que observaram aspectos sobre a intensidade do trabalho, a satisfação em relação ao seu trabalho, as relações de comunicação e trabalho, se os jornalistas sofriam censura no ambiente de trabalho ou tinham liberdade para participar da tomada de decisões, as condições estruturais e dos recursos necessários para realizar sua atividade.

Ao serem questionados se o ritmo de trabalho era muito intenso (Tabela 100.1), 77,7% dos respondentes concordaram com a afirmação (44,1% concordaram totalmente, 33,6% concordaram parcialmente). Apenas 9,9% discordaram (7,7% parcialmente e 2,2% totalmente), 11,1% nem discordam nem concordam e 1,2% disseram que a questão não se aplica.



Tabela 100.1 – O ritmo de trabalho é muito intenso

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	143	44.1
Concordo parcialmente	109	33.6
Nem concordo, nem discordo	36	11.1
Discordo parcialmente	25	7.7
Discordo totalmente	7	2.2
Não se aplica	4	1.2
Total	324	100.0

Em relação à pressão vivenciada por causa dos prazos para cumprir o trabalho (Tabela 100.2), a maioria dos jornalistas que atuam no Sudeste concorda que o prazo exerce pressão sobre seu trabalho. Ou seja, 42% concordam parcialmente e 29,3% concordaram totalmente com esta afirmação, 12,3% não concordaram nem discordaram, 13,9% discordam da afirmação (10,5% discordam parcialmente e 3,4% discordam totalmente). Para 2,5%, a questão não se aplica.

Tabela 100.2 – As tarefas sempre são cumpridas com pressão de prazos

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	95	29.3
Concordo parcialmente	136	42.0
Nem concordo, nem discordo	40	12.3
Discordo parcialmente	34	10.5



Discordo totalmente	11	3.4
Não se aplica	8	2.5
Total	324	100.0

O jornalismo é uma atividade coletiva na qual há divisão de tarefas e responsabilidades, mas desde o início do milênio as organizações têm vivenciado a “lógica da empresa enxuta” com a redução dos quadros funcionais. Esta lógica colabora para a precarização do trabalho e pressão sobre o trabalhador. Para compreender qual é o contexto de trabalho vivido pelo jornalista na região sudeste do Brasil, investigamos se o número de pessoas na equipe era suficiente para realização das atividades (Tabela 100.3): 64,2% dos jornalistas concordam que o número de pessoas na equipe é insuficiente para realização das atividades (38,3% concordaram totalmente e 25,9% concordaram parcialmente com a afirmação); 11,1% nem concordaram nem discordaram, 10,5% discordaram parcialmente e 8% discordaram totalmente. Para 6,2%, essa pergunta não se aplica. A ausência de trabalhadores para dividir as tarefas e responsabilidades no processo produtivo é um dos fatores que colabora para aumentar a tensão sobre o trabalhador.

Tabela 100.3 - O número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	124	38.3
Concordo parcialmente	84	25.9
Nem concordo, nem discordo	36	11.1
Discordo parcialmente	34	10.5
Discordo totalmente	26	8.0
Não se aplica	20	6.2



Total	324	100.0
-------	-----	-------

A falta de tempo também é um indicador da qualidade de vida dos profissionais (Tabela 100.4). Ao serem questionados sobre a falta de tempo para realizarem pausas de descanso, a maioria dos respondentes (50,3%) concorda que falta tempo para realizar pausas de descanso (24,1% concordam totalmente e 26,2% concordam parcialmente). Mas há uma parcela significativa (27,2%) que discorda da afirmação de que não há tempo para realizar pausas de descanso: 14,2% discordam totalmente e 13% discordam parcialmente. São 16,7% os que nem concordam nem discordam. Para 5,2%, a pergunta não se aplica. Os dados, também refletem o que se viu no relatório geral da pesquisa no Brasil. De acordo com a atividade realizada pelo profissional, a avaliação da falta de tempo para a pausa e o descanso pode ser maior ou menor. Por este motivo, em pesquisas futuras é relevante observar esta informação pelo estrato de jornalistas em veículos de mídia, fora da mídia e professores, juntamente com a informação do tipo de vínculo trabalhista – se são autônomos, ou vivenciam regime CLT, ou são servidores públicos. Esses cruzamentos podem indicar contextos de trabalho com condições mais justas para os jornalistas em detrimento de situações precárias de trabalho.

Tabela 100.4 - Falta tempo para realizar pausas de descanso

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	78	24.1
Concordo parcialmente	85	26.2
Nem concordo, nem discordo	54	16.7
Discordo parcialmente	42	13.0
Discordo totalmente	46	14.2
Não se aplica	19	5.9
Total	324	100.0

Como se viu anteriormente, 64,2% dos jornalistas vivenciam lógicas de empresa enxuta, em que há poucos profissionais para realizar as atividades. Nesse contexto, é de se esperar que haja uma divisão injusta das tarefas no processo de produção, mas isso só se confirma em partes. Para 36,7% dos respondentes a divisão de tarefas é injusta (13,6% totalmente e 23,1% parcialmente), mas 33,6% discordam da afirmação (18,5% totalmente e 15,1% parcialmente). Nem concordo, nem discordo foi a opção de 19,8% dos profissionais e para 9,9% a questão não se aplica (Tabela 100.5).

Considerando que 77% dos respondentes concordaram que o ritmo de trabalho é muito intenso e 64,2% concordaram que o número de pessoas na equipe é insuficiente para dividir as tarefas no processo de produção, as informações coletadas na última questão referenciada nos colocam algumas reflexões. Primeiro parece haver uma normalização por parte dos jornalistas quanto às condições precárias de trabalho. Podemos supor que para os jornalistas as injustiças na divisão das tarefas são vividas por todos os envolvidos no processo de produção, o que não é visto como injustiça. Por sua vez, também é possível que ao se posicionarem diante do questionamento feito, muitos tenham considerado que a injustiça na distribuição de tarefas aconteça por omissão de alguns profissionais em relação a outros e não necessariamente que a injustiça na divisão de tarefas está relacionada à lógica de produção. Como as questões são fechadas, não há como aferir o valor mobilizado pelos jornalistas ao responderem à questão, mas os dados nos dão indícios que podem ser observados em pesquisas qualitativas futuras.

Tabela 100.5 - A distribuição de tarefas é injusta

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	44	13.6
Concordo parcialmente	75	23.1
Nem concordo, nem discordo	64	19.8
Discordo parcialmente	49	15.1
Discordo totalmente	60	18.5



Não se aplica	32	9.9
Total	324	100.0

Em relação à extensão da jornada de trabalho para o ambiente doméstico, 41,7% dos jornalistas concordaram com a afirmação “Levo trabalho para terminar em casa com frequência” (25% concordaram totalmente e 16,7% concordaram parcialmente), enquanto outros 23,2% discordaram (9,9% discordaram totalmente e 13,3% discordaram parcialmente); 12,3% dos respondentes nem discordam nem concordam e para 22,8% a questão não se aplica (Tabela 100.6). Os dados mostram que é significativo o número de pessoas que estendem a jornada e o espaço do trabalho, que também é realizado no ambiente privado e familiar dos jornalistas, o que corrobora com as afirmações feitas sobre a falta de tempo para o descanso.

Tabela 100.6 - Levo trabalho para terminar em casa com frequência

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	81	25.0
Concordo parcialmente	54	16.7
Nem concordo, nem discordo	40	12.3
Discordo parcialmente	32	9.9
Discordo totalmente	43	13.3
Não se aplica	74	22.8
Total	324	100.0

Ao serem questionados se as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do ambiente de trabalho eram ruins, 39,8% dos jornalistas discordam da afirmação (31,2% discordam totalmente e 8,6% discordam parcialmente), 26,3% concordam (9,3% concordam

totalmente e 17% parcialmente), 13% dos jornalistas nem discordam, nem concordam e para 21% a questão não se aplica (Tabela 100.7).

Tabela 100.7 - Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	30	9.3
Concordo parcialmente	55	17.0
Nem concordo, nem discordo	42	13.0
Discordo parcialmente	28	8.6
Discordo totalmente	101	31.2
Não se aplica	68	21.0
Total	324	100.0

As condições infraestruturais e dos equipamentos utilizados pelos profissionais, também colaboram para a extensão da jornada e são fatores de tensionamento do trabalho. Ao serem questionados que os equipamentos utilizados, como computador, câmera fotográfica etc, não são bons, 43,3% dos jornalistas discordaram da afirmação (30,6% discordaram totalmente e 12,7% discordaram parcialmente). Ainda assim, 28,7% dos profissionais concordam que os equipamentos são ruins (11,4% concordaram totalmente e 17,3% concordaram parcialmente). Nem concordo, nem discordo foi a opção de 15,1% e para 13% a questão não se aplica (Tabela 100.8).



Tabela 100.8 - Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	37	11.4
Concordo parcialmente	56	17.3
Nem concordo, nem discordo	49	15.1
Discordo parcialmente	41	12.7
Discordo totalmente	99	30.6
Não se aplica	42	13.0
Total	324	100.0

Questionados se a infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente o desempenho profissional, 44,1% discordaram (31,8% discordam totalmente e 12,3% discordam parcialmente), por sua vez 28,1% concordam com a afirmação (9,9% concordam totalmente e 18,2% concordam parcialmente). Para 14,2% dos respondentes nem concordam, nem discordam e para 13,6% a questão não se aplica.

Comparando os dados das duas últimas questões, observa-se que há equivalência entre o percentual de respondentes que concordam que os equipamentos são ruins e impactam na qualidade de seu trabalho, o que reforça as condições precárias às quais estão expostos muitos profissionais. O trabalho dos jornalistas depende de bons equipamentos e a utilização de equipamentos ruins refletem no resultado do produto entregue, além de contribuir no processo de responsabilização do profissional, o que aumenta a tensão sobre seu trabalho e a jornada de trabalho. Conseqüentemente, isso reduz o tempo para as pausas de descanso e aumenta a probabilidade de adoecimentos do trabalhador (Tabela 100.9).

Tabela 100.9 - A infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente meu desempenho profissional

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	32	9.9
Concordo parcialmente	59	18.2
Nem concordo, nem discordo	46	14.2
Discordo parcialmente	40	12.3
Discordo totalmente	103	31.8
Não se aplica	44	13.6
Total	324	100.0

Um fator importante para a mobilização dos trabalhadores no processo de produção é o reconhecimento e a valorização do trabalho realizado. Sobre esse indicativo, 41,3% dos jornalistas da região Sudeste concordam com a afirmação de que se sentem desvalorizados no trabalho (15,7% totalmente e 25,6% parcialmente), mas 39,2% discordam (28,7% totalmente e 10,5% parcialmente). Nem discordam, nem concordam foi a resposta de 13,9% e para 5,6% a questão não se aplica (Tabela 100.10).

Os dados mostram que um quarto dos respondentes se sente desvalorizado no ambiente de trabalho, o que expressa o descontentamento de um número expressivo de profissionais. Esses dados também dialogam com o contexto social e político de violência contra os jornalistas, vivido nos últimos anos. Outro aspecto que também é mobilizado sobre a valorização do trabalho, é o salário pago aos profissionais. Nesse sentido, a desvalorização do trabalho manifesta nas respostas, trata da falta de reconhecimento social e econômico da atividade.



Tabela 100.10 - Me sinto desvalorizada (o) no trabalho

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	51	15.7
Concordo parcialmente	83	25.6
Nem concordo, nem discordo	45	13.9
Discordo parcialmente	34	10.5
Discordo totalmente	93	28.7
Não se aplica	18	5.6
Total	324	100.0

As tecnologias de informação e comunicação contemporâneas colaboram para o aumento da competitividade do mercado e participam acelerando os processos de mutação do trabalho dos jornalistas, o que impõem aos profissionais o desenvolvimento de novas competências e aprendizados. Mas apesar da dinâmica de transformação do mundo do trabalho, 60,5% dos jornalistas discordam da afirmação de que não se sentiam suficientemente treinados para as atividades que executam (43,2% totalmente e 17,3% parcialmente) e apenas 18,2% concordam (13% parcialmente e 5,2% totalmente). Nem concordam, nem discordam foi a opção de 13% dos respondentes e para 8,3% a questão não se aplica. A questão fechada não permite saber como se dá o processo de formação continuada dos jornalistas do Sudeste: se as organizações têm investido na qualificação de seus quadros funcionais, ou se os trabalhadores é que investem nessa autoformação. Pesquisas realizadas pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT/ECA-USP (Figaro et al, 2021; 2018) – sobre o trabalho dos comunicadores (dentre eles os jornalistas) no Brasil e na região Sudeste, indicam que são os profissionais que buscam por treinamento e qualificação para acompanhar as mudanças, dominar as ferramentas e se manter em atividade (Tabela 100.11).

Tabela 100.11 - Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	17	5.2
Concordo parcialmente	42	13.0
Nem concordo, nem discordo	42	13.0
Discordo parcialmente	56	17.3
Discordo totalmente	140	43.2
Não se aplica	27	8.3
Total	324	100.0

Sobre a liberdade de expressão e o exercício do direito à comunicação no ambiente de trabalho, a maioria dos jornalistas (63,3%) diz ter liberdade para expressar opiniões e pensamentos onde trabalha. Ainda assim, 19,1% dos profissionais concordam com a afirmação de que não têm liberdade para expressar opiniões/pensamentos. Como há extrato de jornalistas que atuam na docência, dentro e fora da mídia, em organizações públicas, privadas e não governamentais, o cruzamento dessa informação com o local de trabalho pode revelar que tipo de contexto é mais restritivo para a liberdade de expressão dos profissionais. Por fim, 11,1% nem concorda, nem discorda da afirmação e para 6,5% dos respondentes a questão não se aplica (Tabela 100.12).

Tabela 100.12 - Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	22	6.8
Concordo parcialmente	40	12.3



Nem concordo, nem discordo	36	11.1
Discordo parcialmente	65	20.1
Discordo totalmente	140	43.2
Não se aplica	21	6.5
Total	324	100.0

A existência de boas relações de trabalho, foram indicadas por 67,9% dos jornalistas, que discordaram da afirmação “A convivência com meus colegas é difícil” (51,2% discordaram totalmente e 16,7% parcialmente), diante 12,7% que concordam com a afirmação (3,7% totalmente e 9% parcialmente). Nem concordam, nem discordam foi a opção de 12% e para 7,4% a questão não se aplica (Tabela 100.13).

Tabela 100.13 - A convivência com meus colegas é difícil

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	12	3.7
Concordo parcialmente	29	9.0
Nem concordo, nem discordo	39	12.0
Discordo parcialmente	54	16.7
Discordo totalmente	166	51.2
Não se aplica	24	7.4
Total	324	100.0

Ao serem inquiridos se os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe, as respostas se dividem. A maioria discorda da afirmação (38,5%): 22,8% totalmente e 15,7% parcialmente. Por sua vez, 33% dos jornalistas da região concordam com

a afirmação (18,8% parcialmente e 14,2% totalmente) que também indica falta de liberdade de expressão no ambiente de trabalho. Para 15,1% dos respondentes a questão não se aplica e 13,3% dos profissionais optou por nem concordo, nem discordo da afirmação (Tabela 100.14).

Tabela 100.14 - Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	46	14.2
Concordo parcialmente	61	18.8
Nem concordo, nem discordo	43	13.3
Discordo parcialmente	51	15.7
Discordo totalmente	74	22.8
Não se aplica	49	15.1
Total	324	100.0

Com o objetivo de conhecer a qualidade de vida dos trabalhadores, a questão seguinte analisa oito indicativos sobre o impacto do trabalho nas relações pessoais dos jornalistas (Tabelas 101.1 a 101.8). A Tabela 101.1 apresenta os dados sobre a realidade dos jornalistas quanto aos limites estabelecidos entre a vida familiar e laboral.

A maior parte dos jornalistas (51,2%) concordou com a afirmação “consigo estabelecer limites claros entre a vida familiar e laboral (30,2% concordam totalmente e 21% parcialmente). Ainda assim, 38,9% discordam da afirmação (24,4% parcialmente e 14,5% totalmente), um número expressivo de jornalistas têm dificuldades de estabelecer limites e isso se reflete na extensão do tempo e do lugar de trabalho, que invadem o ambiente doméstico e o tempo de descanso/lazer. Nem concordo, nem discordo foi a opção de 7,7% e a questão se aplica para 2,2% dos respondentes.



101.1 Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	68	21.0
Concordo parcialmente	98	30.2
Nem concordo, nem discordo	25	7.7
Discordo parcialmente	79	24.4
Discordo totalmente	47	14.5
Não se aplica	7	2.2
Total	324	100.0

Os jornalistas foram questionados sobre a liberdade para falar abertamente sobre sua atividade laboral no ambiente familiar (Tabela 101.2) e 80,9% diz ter liberdade em casa para falar sobre seu trabalho (61,1% totalmente e 19,8% parcialmente). Apenas 10,2% indicaram não ter liberdade para falar de sua atividade laboral no ambiente doméstico. Não concordam, nem discordam foi a resposta de 7,4% dos profissionais e para 1,5% a questão não se aplica. Os dados revelam que há liberdade no ambiente doméstico para que jornalistas possam tratar de seu cotidiano e discutir a tomada de decisões sobre sua vida.

101.2 Consigo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	198	61.1
Concordo parcialmente	64	19.8
Nem concordo, nem discordo	24	7.4
Discordo parcialmente	25	7.7

Discordo totalmente	8	2.5
Não se aplica	5	1.5
Total	324	100.0

Ao serem questionados se o empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família, as respostas se dividem: 32,4% discordam (19,1% totalmente e 13,3% parcialmente) e 30,3% concordam com a afirmação (16,4% totalmente e 13,9% parcialmente). Nem concorda, nem discorda, foi 17,3%. Há ainda um percentual de 20,1% de jornalistas que informaram que a pergunta não se aplica. Os dados revelam que há pouco incentivo dos empregadores em relação à qualidade de vida dos jornalistas e suas famílias (Tabela 101.3).

101.3 Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	45	13.9
Concordo parcialmente	53	16.4
Nem concordo, nem discordo	56	17.3
Discordo parcialmente	43	13.3
Discordo totalmente	62	19.1
Não se aplica	65	20.1
Total	324	100.0

Sobre a prioridade da vida pessoal do trabalhador em relação à vida laboral, 55,9% dos jornalistas da região sudeste concordaram com a afirmação "Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar" (20,1% totalmente e 35,8% parcialmente). Mas 29,3% dos jornalistas discordam da afirmação (17% parcialmente e 12,3% totalmente), número expressivo de profissionais não consegue planejar o futuro e priorizar sua vida pessoal, o que



impacta na qualidade de vida da família e do trabalhador. Por fim, 12% não concorda, nem discorda da afirmação e para 2,8% dos respondentes a questão não se aplica (Tabela 101.4).

101.4 Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	65	20.1
Concordo parcialmente	116	35.8
Nem concordo, nem discordo	39	12.0
Discordo parcialmente	55	17.0
Discordo totalmente	40	12.3
Não se aplica	9	2.8
Total	324	100.0

Ao serem questionados sobre o autocuidado, 57,1% dos respondentes afirmam ter tempo para cuidar de si mesmos (36,1% concordam parcialmente e 21% totalmente). Todavia, 31,2% dos jornalistas da região Sudeste discordam da afirmação (21,3% parcialmente e 9,9% totalmente), que reforça os indícios das questões anteriores sobre má qualidade de vida dos profissionais. Foram 10,8% as respostas que indicam não concordar, nem discordar da afirmação e a pergunta não se aplica para 0,9% dos respondentes (Tabela 101.5). Novamente os dados mostram que um terço dos profissionais prioriza o trabalho em relação a sua vida pessoal.

101.5 Tenho tempo para cuidar de mim mesma (o)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	68	21,0
Concordo parcialmente	117	36,1



Nem concordo, nem discordo	35	10,8
Discordo parcialmente	69	21,3
Discordo totalmente	32	9,9
Não se aplica	3	0,9
Total	324	100,0

Sobre a qualidade do ambiente em que trabalha (Tabela 101.6), 62,1% dos jornalistas concordam que trabalham em um ambiente saudável (26,9% totalmente e 35,2% parcialmente), 13,9% não concordam, nem discordam e para 3,7% dos respondentes a questão não se aplica. Por sua vez, 20,4% dos jornalistas da região Sudeste discordam da afirmação de que trabalham em um ambiente saudável (11,1% parcialmente e 9,3% totalmente).

O percentual dos jornalistas que indicam não trabalhar em ambientes saudáveis equivale ao mesmo percentual de jornalistas que diz não ter liberdade para expressar opiniões no ambiente de trabalho (Tabela 100.12) e que indica não ter bons equipamentos para realização de seu trabalho (Tabela 100.8), como se viu nos indicadores que avaliaram o contexto de trabalho.

101.6 Trabalho em um ambiente saudável

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	87	26,9
Concordo parcialmente	114	35,2
Nem concordo, nem discordo	45	13,9
Discordo parcialmente	36	11,1
Discordo totalmente	30	9,3
Não se aplica	12	3,7
Total	324	100,0



Os profissionais também foram questionados se realizam uma avaliação contínua da vida pessoal e familiar. Sobre esse tema, 59,9% dos jornalistas concordam com a afirmação (31,8% parcialmente e 28,1% totalmente). Apenas 18,8% dos jornalistas discordam da afirmação (10,2% parcialmente e 8,6% totalmente) e 17,3% nem concordam, nem discordam. Para 4% dos respondentes a pergunta não se aplica (Tabela 101.7).

101.7 Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	91	28,1
Concordo parcialmente	103	31,8
Nem concordo, nem discordo	56	17,3
Discordo parcialmente	33	10,2
Discordo totalmente	28	8,6
Não se aplica	13	4,0
Total	324	100,0

Sobre os impactos da vida laboral sobre a relação conjugal, 50% dos jornalistas discordam da afirmação “Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal” (39,2% totalmente e 10,8% parcialmente). Apenas 16% dos profissionais concordam com a afirmação e 10,2% não concorda, nem discorda. A questão não se aplica para 23,8% dos respondentes (Tabela 101.8).

101.8 Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	12	3,7



Concordo parcialmente	40	12,3
Nem concordo, nem discordo	33	10,2
Discordo parcialmente	35	10,8
Discordo totalmente	127	39,2
Não se aplica	77	23,8
Total	324	100,0

As questões a seguir tentam captar algumas informações sobre o trabalho predominantemente em regime home office, que foi dominante durante toda a pandemia da Covid 19, mais especificamente no primeiro ano (2020). Como o campo da pesquisa foi realizado entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021, o estudo procura examinar esta realidade híbrida, que combinava as modalidades de trabalho remoto e presencial, vivida pelos jornalistas da região Sudeste. O conjunto de questões abaixo analisam a qualidade de vida nestas condições e avaliam a disposição/energia, a ansiedade/calma, sensação de cansaço/descanso, gestão do tempo para coisas de interesse dos jornalistas (Tabelas 102.1 a 102.5). As questões solicitavam aos respondentes, que a avaliação considerasse seis meses que antecederam a pesquisa.

A Tabela 102.1 apresenta o conjunto de respostas sobre a sensação de alegria e disposição dos jornalistas no contexto da pandemia. A maior parte dos jornalistas (62,7%) indicou ter se sentido alegre e bem disposto em boa parte de seu tempo (3,7% todo o tempo, 31,8% a maior parte do tempo e 27,2% mais da metade do tempo). Mas 37,3% dos jornalistas da região sudeste, optaram por indicadores que revelam a ausência de alegria e disposição no período (19,1% menos da metade do tempo, 15,7% algumas vezes e 2,5% nunca). A ausência de satisfação, alegria e disposição são indicadores de adoecimento e os dados revelam que mais de um terço dos profissionais vivenciou um contexto pessoal propenso ao adoecimento.



102.1 Me senti alegre e bem disposta (o)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	12	3,7
A maior parte do tempo	103	31,8
Mais da metade do tempo	88	27,2
Menos da metade do tempo	62	19,1
Algumas vezes	51	15,7
Nunca	8	2,5
Total	324	100,0

Em relação a sensação de serenidade diante a vida no contexto pandêmico (Tabela 102.2), 55,6% dos jornalistas indicaram ter sentido calma e tranquilidade em boa parte do tempo (28,1% mais da metade do tempo, 24,1% a maior parte do tempo e 3,4% o tempo todo). Todavia 44,4% dos profissionais indicaram a ausência desse sentimento na maior parte do tempo (22,8% menos da metade do tempo, 15,7% algumas vezes, 5,9% nunca).

Pesquisa sobre como trabalham os comunicadores no contexto da pandemia do Covid-19 (FIGARO et al, 2021) revela que a ansiedade, em razão das inseguranças vividas quanto ao futuro, o medo de adoecer, de trazer o adoecimento para casa, a vigília constante com as medidas de segurança sanitária para combater a doença, somadas a sobrecarga de e a extensão da jornada de trabalho, contribuem para o aumento da ansiedade, problemas de sono e adoecimento. É expressivo o número de jornalistas que indicam não sentir tranquilidade e calma na maior parte do tempo, o que novamente reforça o contexto de adoecimento dos profissionais da região sudeste.

102.2 Me senti calma (o) e tranquila (o)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
-----------	------------	--------------------



Todo o tempo	11	3,4
A maior parte do tempo	78	24,1
Mais da metade do tempo	91	28,1
Menos da metade do tempo	74	22,8
Algumas vezes	51	15,7
Nunca	19	5,9
Total	324	100,0

Em relação a disposição e ânimo para o dia-a-dia, 59,9% dos respondentes indicou sentir-se ativo e com energia em boa parte do tempo (29% mais da metade do tempo, 26,2% a maior parte do tempo e 4,6% todo o tempo). Mas novamente 40,1% dos jornalistas indicou a ausência desses sentimentos (21,3% menos da metade do tempo, 14,5% algumas vezes e 4,3% nunca), o que reforça os dados anteriores de adoecimento dos profissionais (Tabela 102.3).

102.3 Me senti ativa (o) e enérgica (o)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	15	4,6
A maior parte do tempo	85	26,2
Mais da metade do tempo	94	29,0
Menos da metade do tempo	69	21,3
Algumas vezes	47	14,5
Nunca	14	4,3
Total	324	100,0



A qualidade do sono e do descanso, também são indicativos de qualidade de vida dos trabalhadores. Os jornalistas foram questionados se ao acordar se sentiam relaxados e repousados (Tabela 102.4) e apenas 36,4% indicaram a presença destas sensações em boa parte do tempo (17,6% mais da metade do tempo, 15,7% a maior parte do tempo e 3,1% todo o tempo). Por sua vez, 63,6% dos jornalistas indicaram a ausência desse sentimento em seu cotidiano (27,2% algumas vezes, 25,6% menos da metade do tempo e 10,8% nunca). Novamente os dados indicam um contexto propenso ao adoecimento.

102.4 Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	10	3,1
A maior parte do tempo	51	15,7
Mais da metade do tempo	57	17,6
Menos da metade do tempo	83	25,6
Algumas vezes	88	27,2
Nunca	35	10,8
Total	324	100,0

O último indicativo do conjunto de questões, buscou avaliar a gestão do tempo cotidiano com atividades do interesse dos profissionais (Tabela 102.5) e as respostas se dividiram. Para 50,3% dos jornalistas indicaram que pouco ou nada de seu tempo cotidiano é dedicado a coisas de seu interesse (24,4% menos da metade do tempo, 21,6% algumas vezes e 4,3% nada). Por outro lado, 49,7% dos respondentes indicam que parte de seu tempo é dedicado a coisas de seu interesse (22,8% a maior parte, 21,6% mais da metade do tempo e 5,2% todo o tempo). É significativa a amostra de jornalistas que não ocupam o tempo com coisas de seu interesse. Esse dado corrobora com os indicativos anteriores que avaliam a qualidade de vida dos jornalistas. Eles revelam que os trabalhadores vivenciam um contexto propenso ao adoecimento.

102.5 Meu dia a dia tem sido preenchido com coisas que me interessam

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	17	5,2
A maior parte do tempo	74	22,8
Mais da metade do tempo	70	21,6
Menos da metade do tempo	79	24,4
Algumas vezes	70	21,6
Nunca	14	4,3
Total	324	100,0

Em relação a desconfortos ou doenças relacionadas ao exercício diário da atividade, em um momento em que o trabalho predominante era o *home office*, durante a pandemia de Covid-19, os jornalistas do Sudeste apresentaram adoecimentos distintos, ora em relação a comportamento, ora apresentando males somatizados, mas como pode-se ver adiante, há manutenção das relações de trabalho e familiares (Tabelas 103.1 a 103.12)

A Tabela 103.1, abaixo, por exemplo, indica que a maioria reconhece dores no corpo e quase a metade, 48,1% dos respondentes disseram apresentar essas dores com muita frequência.

Tabela 103.1 - Dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...)

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	61	18.8
Com frequência	95	29.3
De vez em quando	95	29.3
Raramente	58	17.9
Nunca	15	4.6



Total	324	100.0
-------	-----	-------

As indicações de dores no corpo são correlatas a outras enfermidades relatadas como muito frequentes. É o caso de distúrbios como as alterações no sono, relatados por um número considerável de 41,4% de respondentes, conforme se vê na Tabela 103.2. E ainda o relato de estresse, conforme Tabela 101.3, em que 48% dos respondentes relataram se sentirem estressados não esporadicamente e apenas 18% deles relataram condições desfavoráveis ao ponto de não se sentirem patologicamente pressionados.

Tabela 103.2 - Alterações no sono

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	48	14.8
Com frequência	86	26.5
De vez em quando	98	30.2
Raramente	64	19.8
Nunca	28	8.6
Total	324	100.0

Tabela 103.3 – Stress

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	53	16.4
Com frequência	102	31.6
De vez em quando	110	34.1
Raramente	36	11.1
Nunca	22	6.8
Total	323	100.0

Ao lado do estresse e em correlação a essa patologia, 43,2% dos entrevistados indicaram que sentem, com muita frequência, cansaço extremo e apenas 28,7% dizem experimentar tal sentimento, conforme se vê na Tabela 103.4.

Tabela 103.4 - Cansaço extremo

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	42	13.0
Com frequência	98	30.2
De vez em quando	91	28.1
Raramente	57	17.6
Nunca	36	11.1
Total	324	100.0

Há um outro grupo de adoecimentos ou comportamentos indesejáveis decorrentes que, embora apresente uma maioria importante entre aqueles que não se sentem adoecidos, expressa uma minoria significativa entre os que se declararam de alguma maneira atingidos por formas patológicas. Sintomas como dores de cabeça e distúrbios digestivos, ou comportamentos como alterações no apetite, sentimentos de tristeza e perda de autoconfiança são alguns das patologias que se enquadram nesse segundo grupo de adoecimentos relatados.

Dos que relataram, conforme se vê na Tabela 103.5, sintomas como dores de cabeça, 28,2% afirmaram que apresentam essa patologia com muita frequência, ao passo 71,8% disseram que apenas eventualmente, raramente ou nunca a sentem. Já 36,8% afirmaram que raramente ou nunca se queixam da doença.

Tabela 103.5 - Dor de cabeça

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
-----------	------------	--------------------



Diariamente	17	5.3
Com frequência	74	22.9
De vez em quando	113	35.0
Raramente	95	29.4
Nunca	24	7.4
Total	323	100.0

O mesmo comportamento se vê nas tabelas 103.6 e 103.7, respectivamente, que tratam de informações de problemas digestivos e alterações no apetite. A maioria dos respondentes, 53,9%, afirmou que apenas raramente ou nunca apresentam sintomas de distúrbios digestivos, enquanto 18,3% disseram que têm esse tipo de adoecimento com muita frequência.

Tabela 103.6 - Distúrbios digestivos

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	14	4.3
Com frequência	45	13.9
De vez em quando	90	27.9
Raramente	111	34.4
Nunca	63	19.5
Total	323	100.0

Já 57,5% dos entrevistados relataram que nunca ou quase nunca apresentam problemas de alteração no apetite, enquanto 20,7% disseram que apresentam esse tipo de problema com alguma frequência (Tabela 103.7).



Tabela 103.7 - Alterações no apetite

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	17	5.3
Com frequência	50	15.5
De vez em quando	70	21.7
Raramente	109	33.7
Nunca	77	23.8
Total	323	100.0

Números muito semelhantes podem ser observados nas Tabelas 103.8, sobre sentimento de tristeza entre os entrevistados, e 103.9, sobre perda de autoconfiança: em ambos os casos, há uma distribuição quase equivalente entre aqueles que se sentem frequentemente tristes e pouco autoconfiantes, aqueles que só eventualmente se encontram nessas situações e os que nunca ou quase nunca se sentem tristes ou pouco autoconfiantes.

Importantes 32,1% dos entrevistados declararam que se observam tristes frequentemente, 32,7% disseram que raramente ou nunca se sentem tristes e 35,2% se sentem apenas ocasionalmente tristes.

Tabela 103.8 – Tristeza

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	30	9.3
Com frequência	74	22.8
De vez em quando	114	35.2
Raramente	79	24.4
Nunca	27	8.3



Total	324	100.0
-------	-----	-------

Semelhantemente, 37% dos entrevistados disseram perder autoconfiança com muita frequência, 32,7% afirmaram que nunca ou quase nunca se sentem pouco autoconfiantes e 30,2% que são pouco autoconfiantes em algumas ocasiões.

Tabela 103.9 - Perda de autoconfiança

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	38	11.7
Com frequência	82	25.3
De vez em quando	98	30.2
Raramente	69	21.3
Nunca	37	11.4
Total	324	100.0

Enfim, um terceiro bloco nas questões sobre a situação da saúde dos jornalistas em exercício na região Sudeste do País pode ser reunido sob o princípio comportamental em relação às interações sociais (Tabela 103.10). E nesse caso, observa-se um conjunto de respostas que apontam para um pequeno impacto nas relações de trabalho, relações familiares e no aumento da agressividade.

A maioria dos entrevistados, 56,2%, como se vê na tabela 103.10, afirma não viver dificuldades nas relações de trabalho, enquanto apenas 13,3% disseram que experimentam tais dificuldades frequentemente e 30,6%, eventualmente.

Tabela 103.10 - Dificuldades nas relações de trabalho

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
-----------	------------	--------------------



Diariamente	15	4.6
Com frequência	28	8.6
De vez em quando	99	30.6
Raramente	126	38.9
Nunca	56	17.3
Total	324	100.0

Números ainda mais importantes podem ser observados na Tabela 103.11: 61,8% dos profissionais entrevistados afirmaram que não vivenciam aumentos em casos de conflitos nas relações familiares, ao passo que 11,5% disseram ter vivido o aumento desses conflitos com frequência e 26,9%, apenas ocasionalmente.

Tabela 103.11 - Conflitos nas relações familiares

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	6	1.9
Com frequência	31	9.6
De vez em quando	87	26.9
Raramente	135	41.7
Nunca	65	20.1
Total	324	100.0

Por fim, em relação a eventos de aumento da própria agressividade, a Tabela 103.12 indica a confirmação do fenômeno. Mais da metade dos respondentes, 51,9%, disse que nunca ou quase nunca experimentam aumento da agressividade. Apenas 13,3% afirmaram que vivenciam esse aumento com muita frequência, enquanto significativos 34,9% indicaram que apenas de vez em quando observam esse aumento da própria agressividade.



Tabela 103.12 – Agressividade

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	10	3.1
Com frequência	33	10.2
De vez em quando	113	34.9
Raramente	106	32.7
Nunca	62	19.1
Total	324	100.0

7.1. Código de Ética e valores

Outro bloco de questões diz respeito ao conhecimento que os jornalistas atuantes no sudeste brasileiro têm do Código de Ética da profissão. Surpreendentemente, como se vê na Tabela 104, há um número considerável de respondentes, 31,2%, que disseram não conhecer o Código de Ética da própria profissão que exercem, enquanto 68,8% indicaram ter conhecimento do documento.

Tabela 104 - Você conhece o Código de Ética do Jornalista Brasileiro?

Sim/ Não	Frequência	Porcentagem válida
Sim	223	68.8
Não	101	31.2
Total	324	100.0

As questões seguintes formam um desdobramento sobre o conhecimento dos respondentes a respeito do Código de Ética profissional e, por essa razão, apenas os entrevistados que afirmaram ter conhecimento do documento responderam a perguntas sobre sua atualidade e qualidade.

Conforme se vê na tabela 105.1, a maioria, 57,2%, considera o Código de Ética atualizado, enquanto 42,9% veem necessidade de que o documento passe por uma atualização. Não obstante, apenas 11,1% consideram que o documento é atual, suficiente e completo, enquanto há uma maioria importante, 65,9% dos entrevistados que disseram conhecer o Código de Ética do Jornalista Brasileiro, que considera que o documento é insuficiente e incompleto, enquanto 34,1% deles disseram que o documento é suficiente e completo.

Tabela 105.1 - Você considera que este código é

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Atual, suficiente e completo	24	11.1
Atual, mas insuficiente e incompleto	100	46.1
Desatualizado, mas suficiente e completo	50	23.0
Desatualizado, insuficiente e incompleto	43	19.8
Total	217	100.0

Ainda orbitando o Código de Ética, as questões seguintes questionaram sobre os valores deontológicos e morais que os entrevistados consideram para o exercício ético da profissão. Para quase a totalidade dos entrevistados, independentemente de conhecer ou não o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 98,7%, o valor “credibilidade” é imprescindível para um exercício ético da profissão (Tabela 105.2). O fenômeno se repete com os valores “liberdade” (99,1%), como se observa na Tabela 105.3; “transparência” (98.1%), como expresso (Tabela 105.4) e com 99,1% dos respondentes indicando o valor “verdade” como importante para um exercício ético da profissão (Tabela 105.5).

Tabela 105.2 – Credibilidade

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	273	86.1



Muito importante	40	12.6
Mais ou menos importante	3	0.9
Pouco importante	1	0.3
Total	317	100.0

Tabela 105.3 – Liberdade

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	275	86.5
Muito importante	40	12.6
Mais ou menos importante	1	0.3
Sem importância	2	0.6
Total	318	100.0

Tabela 105.4 - Transparência

Indicadores	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	266	83.9
Muito importante	45	14.2
Mais ou menos importante	6	1.9
Total	317	100.0



Tabela 105.5 – Verdade

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	294	92.5
Muito importante	21	6.6
Mais ou menos importante	2	0.6
Sem importância	1	0.3
Total	318	100.0

Os números de outros valores deontológicos, embora não discrepantes, são indicados não como uma unanimidade quase absoluta para o exercício ético da profissão, tal como visto anteriormente, mas com uma maioria significativa. Valores como “diversidade” com 96,8% dos respondentes indicando como importante (Tabela 105.6); “equilíbrio” com 94,6% (Tabela 105.7), “justiça” com 97,2% (Tabela 105.8) e “pluralidade” com 95,3% dos respondentes indicando-o como um valor importante (Tabela 105.9) formam um polo deontológico distinto daquele primeiro, que pode ser identificado como uma prática individual e, assim, reconhecível pelo pensamento liberal. Nesse segundo polo, os valores mobilizam conhecimentos de prática coletiva, o que por si indica uma forma de pensamento pela qual a identidade do jornalista do Sudeste brasileiro se forja.

Tabela 105.6 – Diversidade

Indicadores	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	227	71.6
Muito importante	80	25.2
Mais ou menos importante	6	1.9



Pouco importante	3	0.9
Sem importância	1	0.3
Total	317	100.0

Tabela 105.7 – Equilíbrio

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	208	65.6
Muito importante	92	29.0
Mais ou menos importante	17	5.4
Total	317	100.0

Tabela 105.8 – Justiça

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	254	79.9
Muito importante	55	17.3
Mais ou menos importante	9	2.8
Total	318	100.0

Tabela 105.9 – Pluralidade

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	222	69.8
Muito importante	81	25.5

Mais ou menos importante	14	4.4
Sem importância	1	0.3
Total	318	100.0

Chama a atenção o que se pode considerar um terceiro polo dos valores morais e deontológicos apontados como menos importante para uma prática ética do jornalismo – justamente aqueles que comumente são reconhecíveis como basilares para a deontologia da profissão: “objetividade” (com 89,9% dos respondentes indicando como um valor relevante, sendo 60,4% de indicações como extremamente importante e 29,6% como muito importante); e especialmente “imparcialidade”, indicado por 43,7% dos respondentes como extremamente importante e 30,5% como muito importante (Tabelas 105.10 e 105.11 respectivamente).

Tabela 105.10 – Objetividade

Indicadores	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	192	60.4
Muito importante	94	29.6
Mais ou menos importante	27	8.5
Pouco importante	5	1.6
Total	318	100.0

Tabela 105.11 – Imparcialidade

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	139	43.7
Muito importante	97	30.5



Mais ou menos importante	56	17.6
Pouco importante	18	5.7
Sem importância	8	2.5
Total	318	100.0

Ainda sobre o exercício ético do jornalismo, a pesquisa questionou os respondentes, independentemente se disseram conhecer o Código de Ética da profissão. Como se pode ver na Tabela 106, para 80,5%, há condições profissionais para uma atuação nos limites da ética jornalística, enquanto 17,3% dos respondentes indicaram haver condições parciais para tal exercício e apenas 2,2% disseram não contar ou observar essas condições.

Tabela 106 - Você considera que tem condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?

Indicadores	Frequência	Porcentagem válida
Sim, tenho condições totais para isso	256	80.5
Não, não tenho	7	2.2
Parcialmente	55	17.3
Total	318	100.0

Quando confrontados com as razões por que não conseguem atuar eticamente, a minoria de respondentes que afirmaram não possui condições profissionais para um exercício ético do jornalismo disse ser por pressão de anunciantes, patrões, governos e outros atores, com 64,5% das respostas; seguem-se as justificativas por falta de tempo e sobrecarga no trabalho (40,3% de indicações); desestímulo e dificuldades no trabalho (29,9%) e despreparo técnico, com 12,9% de indicações. Outras razões apontadas foram o exercício profissional fora da mídia (14,5%), o trabalho docente (8,1%) e outra resposta (4,8%), distribuídos

em conhecimento de uma normativa, crise no modelo de negócio do jornalismo, como razão para má remuneração e pressão gerencial (Tabelas 107 e 108).

Tabela 107 - O que impede que você exerça o jornalismo eticamente

Indicador	Frequência	Porcentagem válida
Despreparo técnico	8	12,9
Desestímulo e dificuldades no local de trabalho	18	29,0
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	25	40,3
Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros	40	64,5
Trabalho fora da mídia	9	14,5
Trabalho como docente	5	8,1
Outro. Qual?	3	4,8
Total de respondentes válidos	62	100,0

Tabela 108 - Outro. Qual?

Indicador	Frequência
Conhecimento de uma normativa	1
Fim do modelo de negócio do jornalismo (maus pagamentos/má remuneração)	1
Pressão gerencial às vezes	1

Entre os comentários gerais possibilitados a todos os entrevistados ao final do questionário, excetuando-se aquelas que indicaram comentários gerais em demasia, elogiosos ou críticos à pesquisa, podem-se dividir em três tópicos gerais – (a) Código de Ética e exer-



cício ético da profissão; (b) Condições e precarização do trabalho de jornalistas; (c) Necessidade de uma visão mais pluralista e diversa da profissão – que aglutinam alguns dos principais relatos, que são apresentados abaixo:

a) Código de Ética e exercício ético da profissão:

“Acredito que o sindicato dos jornalistas poderia incentivar mais a realização de aprimoramento profissional, conhecimento do Código de Ética e formações gratuitas, além de incidir de forma mais incisiva na discussão curricular das universidades.”

“Atualmente praticamente não há liberdade plena de imprensa no Brasil. Jornalistas atuam com medo e de todos os lados buscam censurar seu trabalho, desde governantes até mesmo o próprio público. Com quase 20 anos de profissão, sinto que atualmente é o momento em que o jornalismo é menos livre desde que comecei minha atuação.”

“Com relação a existência do Código de Ética do Jornalista como elemento controlador do ímpeto humano ligado ao ego, creio ser extremamente necessário a existência de um “órgão controlador da categoria”, como existem nas demais, com o objetivo claro de fiscalizar e punir as más condutas jornalísticas, como a compra de editoriais políticos e a liberdade de opinião do profissional, a qual não deve suplantiar a “imparcialidade” exigida na profissão.”

“Como docente, percebo que os jovens fazem Jornalismo por Glamour, não pela importância da profissão. Como Jornalista, frequentemente temos a liberdade de expressão ameaçada pelo estado. Os veículos de comunicação sofrem pressão sobre a linha editorial.”

b) Condições e precarização do trabalho de jornalistas

“As condições de trabalho de jornalistas que atuam em assessorias de comunicação de órgãos públicos são muito diferentes (melhores) do que daqueles que trabalham na mídia.”

“Atualmente praticamente não há liberdade plena de imprensa no Brasil. Jornalistas atuam com medo e de todos os lados buscam censurar seu trabalho, desde governantes até mesmo o próprio público. Com quase 20 anos de profissão, sinto que atualmente é o momento em que o jornalismo é menos livre desde que comecei minha atuação.”

“Atuo há 14 anos no jornalismo e a desvalorização tem aumentado a cada dia. Infelizmente, todo mundo “se acha” jornalista e capaz de produzir informação. Até mesmo profissionais graduados estão deixando de exercer o verdadeiro jornalismo.”

“Deixei a redação da grande mídia por assédio moral, sexual e por não ter liberdade de realizar meu trabalho por questões políticas dentro da empresa, inclusive anunciantes. Nunca denunciei por não encontrar amparo para minhas queixas (isso foi em 2001). De lá para cá parti para uma sucessão de trabalhos freelas em empresas pequenas sem nenhum tipo de conduta ética e nunca mais consegui portas abertas para voltar para uma grande empresa. Hoje, aos 50 anos, só a docência é uma alternativa e, ainda assim, difícil por conta do meu trajeto profissional de pouca relevância nos holofotes endeusados das mídias sociais.”

“Desde a eleição de Bolsonaro tenho medo que minhas declarações em sala de aula possam ser usadas pela instituição contra mim. Faço as críticas necessárias, mas sei que corro algum risco. Além disso, minha instituição é confessional e nós últimos dez anos acen- tuou a presença da fé no campus, com frases da Bíblia anexadas nos prédios do campus. Estudos bíblicos semanais passaram a ser realizados na sala dos professores, com convites periódicos para participação. Considero esses estudos realizados na sala dos professores no intervalo entre aulas um constrangimento.”

“Em uma profissão em crise salarial, antes mesmo de crise financeira e reforma tra- balhista, a atuação como jornalista em uma associação de classe tornou-se um caminho inesperado e, para mim, essencial atualmente. Tenho baixo índice de estresse no trabalho e parte do que registro é devido ao fato da diagramação do jornal da entidade ser feita por uma pessoa sem experiência como design, que é também jornalista.”

“Gosto muito do que faço, mas a intensidade do ritmo da redação tem me consu- mido nos últimos tempos. O que tem ajudado é o home office, mas temo ter que voltar ao trabalho 100% presencial em breve (e aí pode ser que eu precise mudar de emprego porque não sei se darei conta de conciliar com a vida de mãe de duas crianças pequenas). Seria uma pena porque eu realmente gosto do que faço, mas está difícil ter energia para tantas deman- das urgentes”

“Há um crescente sentimento de falta de credibilidade na profissão. A ausência de legislação, de exigência de diploma, de Conselho Federal, de mobilização para que tudo que



foi perdido na profissão seja recuperado só contribui para um ciclo de desesperança.”

“Já sofri assédio moral e sexual no trabalho, em experiências anteriores. Por parte de chefia e de entrevistados. Isso é parte do meu afastamento da imprensa e da função de repórter. Principalmente pela falta de suporte para mulheres nas empresas, no escritório ou na rua.”

“Minha situação agora está ótima, mas se eu respondesse esse questionário em qualquer momento antes do começo deste ano (quando trabalhava em redação), as respostas seriam completamente diferentes. Ano passado principalmente foi muito difícil, estressante e tive episódios de ansiedade, alergia causada por estresse e crises de choro. Os últimos anos em redação foram muito complicados.”

“Os veículos de Comunicação em que trabalhei e trabalho hoje são formados por pessoas que compreendem a importância de proteger seus funcionários de retaliações externas. Internamente, é preciso encontrar um delicado ponto de equilíbrio. Para fazer o trabalho que se deve sem ultrapassar nenhuma linha sensível e se expor pessoalmente. Parabéns pela pesquisa”

“Pelas questões percebo que no meu emprego anterior vivia uma situação próxima a abuso.”

“Um assunto que discuto bastante com meus colegas de profissão, mas que quase não vejo materiais sobre, é a tendência de trabalhos como MEI/PJ e a diminuição de vagas CLT. Eu, por exemplo, tenho MEI para conseguir trabalhos freelancer que se aproximem do que quero como jornalista, mas não para empreender em um negócio ou algo assim.”

c) Necessidade de uma visão mais pluralista e diversa da profissão

“acho que vale investigar mais a experiência de grupos minorizados na profissão (mulheres, negras e negros, LGBTQIA+ etc.). o jornalismo não se difere de outros setores - as decisões invariavelmente são tomadas por homens brancos ricos de meia idade. se está ruim pra eles, imagina para os outros”

“Como jornalista negro sempre fui o único pelas redações onde passei, é um senti-



mento horrível de não pertencimento. Sempre quis atuar na TV mas todas as portas são fechadas, acredito que a questão racial pesa muito nisso. O fato de não ser de família conhecida/influente acredito que também pesa.”



Considerações Finais

A partir do quadro amostral composto por 516 respondentes observa-se que o Perfil do Jornalista da Região Sudeste é composto, em sua maioria, por mulheres (60,1%), brancas (72%), com faixa etária entre 23 e 40 anos (56,6%). Chama a atenção o volume de jornalistas que indicaram ter acima de 51 anos (21,1%), o que revelou um aumento da presença de jornalistas nessa faixa etária em relação a pesquisas realizadas em anos anteriores (FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013; MICK, LIMA, 2013). A maioria das jornalistas são solteiras (52,3%) e sem filhos (65,7%).

Assim como se viu no Perfil do Jornalista Brasileiro (LIMA et al, 2021), 79,3% da categoria possui registro profissional. São um conjunto de trabalhadores altamente qualificados, 92,7% possuem formação superior e 50,3% têm pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado ou pós-doutorado). A maioria dos profissionais se formou em curso de jornalismo (93,4% dos respondentes). A graduação em jornalismo está presente mesmo entre as gerações de jornalistas que iniciaram a carreira após 2009, quando houve a queda da obrigatoriedade do diploma para atuação profissional.

Como se viu entre os diferentes grupos de profissionais – na mídia, fora da mídia e na docência –, há uma diversidade de competências que são solicitadas das e dos jornalistas, no exercício de suas funções. Como ressalta Kuenzer (2002), as organizações buscam trabalhadores que consigam elaborar pensamentos complexos e saibam operar a tecnologia disponível, o que solicita dos trabalhadores a produção de conhecimentos que se desenvolvem ao longo da formação educacional formal. O ensino superior em jornalismo antecipa aprendizados sobre a atividade e agiliza o processo de adaptação dos trabalhadores às dinâmicas produtivas das organizações. Estas, segundo os próprios respondentes ao serem questionados sobre a qualidade do ambiente e as condições de trabalho, não possuem políticas de treinamento e qualificação dos jornalistas. Nesse contexto, torna-se imprescindível o pré-requisito da formação superior na área para seleção dos profissionais.

Em relação aos contratos de trabalho, 58,8% dos jornalistas indicaram ter seguridade social por garantias da CLT, ou por serem funcionários públicos. Por sua vez, 34% dos profissionais não possuem seguridade social e se enquadram nas categorias de MEI, Freelancer ou Pessoa Jurídica. Apenas 39,9% das profissionais declararam que os ganhos salariais são

suficientes para prover suas necessidades e 34,9% indicaram ter mais de uma ocupação como fonte de renda. A média salarial da maioria (45,7%) estava entre dois e cinco salários mínimos⁴. Um quarto dos respondentes disse receber entre cinco e onze salários mínimos. Mesmo na região sudeste, que é composta pelos estados com o maior PIB do país (IBGE, 2023), a categoria dos jornalistas se enquadra na camada média baixa da população, em relação aos ganhos salariais. Na Região Sudeste trabalhar na mídia ou na docência, também são fontes secundárias daqueles que acumulam mais de uma ocupação como fonte de renda.

Quanto à participação sindical, 89,2% disseram estar vinculados ao sindicato dos jornalistas, o que representa um número significativo de trabalhadores que ainda tem no sindicato a figura institucional de defesa dos seus interesses. A questão financeira foi um dos principais fatores indicados como impedimento para a filiação.

O questionário solicitava aos respondentes que indicassem qual era sua atividade principal, aquela que respondia pela maior parte dos ganhos financeiros. As respostas foram divididas nas categorias: trabalha na mídia, fora da mídia ou na docência.

A maior parte das profissionais da região sudeste (59,3%) atuam na mídia. Destes, 64,8% atuam com jornalismo on line e 73,5% trabalham para empresas privadas. Apenas 9% das jornalistas atuam na mídia independente. As equipes de trabalho são enxutas, a maioria atua em equipes com até dez pessoas. Repórter e editor são as principais funções desenvolvidas. Mas os dados mostram a dinâmica da polivalência dos profissionais que atuam com diferentes suportes, ferramentas e responsabilidades.

Fora da mídia estão 34,1% das jornalistas da região sudeste. Elas e eles trabalham especialmente em assessoria de imprensa e agências de comunicação. São pequenas e médias empresas, também com equipes reduzidas de até dez pessoas. Assessor de comunicação, produtor de conteúdo e gestor da área de comunicação, são as principais funções dessa parcela de profissionais.

Os docentes correspondem a 7,6% dos profissionais da região sudeste. Deles, 84,8% atuam na área de jornalismo ou comunicação e 42,4% têm mais de 16 anos de experiência na docência. As instituições privadas de educação são as que mais empregam.

⁴ O salário mínimo da época correspondia ao valor de R\$1.100,00



A precarização da atividade impacta diretamente nos planos de futuro das profissionais, como indicam os dados da pesquisa na região sudeste e no quadro nacional. Soma-se a isso, as longas jornadas de trabalho, acúmulo de funções e a manutenção de mais de uma ocupação como fonte de renda, que criam uma situação de alerta para o crescimento dos índices de adoecimento da categoria, 30% já receberam indicação para tomar antidepressivo. Apenas 39,7% dos jornalistas conseguem ter 8 dias ou mais de folga no mês e 12,4% disseram que não tiram folga.

São muitos os desafios da categoria dos jornalistas que cumprem serviço essencial. Os dados analisados, que permitem construir o perfil do jornalista da região sudeste, oferecem um quadro geral da categoria que trabalha na região. As análises não revelaram grandes diferenças em relação ao quadro nacional do perfil do jornalista brasileiro. Contudo, as análises regionais permitirão observar as diferenças entre as regiões. Além disso, os dados permitem que entidades de classe ou outras formas de organização dos trabalhadores conheçam a realidade da categoria e utilizem os dados na defesa do trabalho decente e da valorização profissional. Os dados do perfil do jornalista da região sudeste também são fonte de pesquisa para outras investigações que se interessem pelo tema.

Referências

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

FENAJ. Relatório de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, da FENAJ (2022). São Paulo: FENAJ, 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf> Acesso em: 01 de jun. 2023.

FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas. São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

FIGARO, R. (Org.). Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19. São Paulo: ECA USP, 2021. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021-1.pdf>. Acesso em: 01 de jun. 2023.

FIGARO, R. (Org.). Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia do Covid-19? São Paulo: ECA USP, 2021. Disponível em: https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio_Executivo_Covid19-CPCT2020-2.pdf Acesso em: 01 de jun. 2023

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produto Interno Bruto – PIB. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>

KUENZER, A. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v. 28. N. 2, maio/ago 2002.

LIMA, Samuel Pantoja, et al. Perfil do jornalista brasileiro 2021 : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf> Acesso em: 01 de jun. 2023.

MACIEL, Victor. LER e DORT são as doenças que mais acometem os trabalhadores, aponta estudo. Agência Saúde. Publicado em 30/04/2019 16h55 e atualizado em 01/11/2022 11h39. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2019/abril/ler-e-dort-sao-as-doencas-que-mais-acometem-os-trabalhadores-aponta-estudo#:~:text=trabalhadores%2C%20aponta%20estudo->



[LER%20e%20DORT%20s%C3%A3o%20as%20doen%C3%A7as,acometem%20os%20trabalhadores%2C%20aponta%20estudo&text=As%20Les%C3%B5es%20por%20Esfor%C3%A7os%20Repetitivos,2018%2C%20do%20MInist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde](#). Acesso em 01 jun. 2023.

MICK, J.; LIMA, S. Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.